

O DIABO ESTÁ LÁ FORA

A SEMENTE DO ÓDIO

Há momentos na vida que são decisivos. Alguns acontecimentos se fazem de uma forma tão marcante que ficam gravados, enraizados na memória e o destino muda a partir deles. Na verdade, esses acontecimentos são encruzilhadas do destino. Como as forquilhas de uma estrada de ferro: uma simples mudança nos trilhos e a direção se faz diferente. A paisagem costumeira não corre mais pela abertura da janela. Tudo é novidade e a atenção se redobra para compreender melhor a nova realidade. Há momentos decisivos. Alguns abrem caminhos para a glória, para o sucesso; outros, no entanto, são prenúncios da desgraça.

Sertão de Arapongas, Paraná. Seu Agemiro, homem magro e já de certa idade, arregaça a manga com cuidado e precisão de movimentos. Seu filho observa tudo com os olhos arregalados e uma compenetrada atenção. A baixa estatura do garoto esconde seus já completos dez anos de idade. O céu limpo e a temperatura amena propiciam uma tranquila cavalgada no Vale de São Miguel.

— Onde tamo indo, pai? — indaga o garoto, na garupa da mula, agarrado na cintura do negro homem.

— Vamo na casa do Coroné. Ele tá me devoeno há um tempão e nunca cobrei.

— Ah!

— Precisamo comprá mantimento. Sua mãe tá me encheno a paciência dizem que num guenta mais cumê feijão com farinha. E até a gente coiê o mio vai demorá.

O trote manso da mula vai deixando para trás o pobre rancho de madeira, que se esconde do sol em seu enorme e irregular chapéu de palha. Na bica d'água ao lado, uma mulher coloca o balde no chão, ergue o corpo e observa as três figuras sempre mais distantes, juntando-se numa só e desaparecendo no estreito caminho que adentra o matagal.

A imponente casa do Coronel era vista de longe. Havia um segundo andar que se destacava por entre as árvores e um grande curral que margeava um córrego. O caminho até a porta era cortado por uma ponte de madeira. Agemiro desce do animal, puxando-o pelas rédeas. No dorso da mula, o garoto observa o pequeno e manso filete de água que passa sob a construção. Dois cachorros se aproximam, recepcionando os visitantes.

— Batarde, Coroné.

Um homem, de estatura baixa e abdômen saliente, interrompe o balanço de uma cadeira, levanta-se e chega até a marca do sol na entrada da varanda, revelando um semblante visivelmente irritado. A barba espessa e as grossas sobrancelhas lhe dão uma aparência rude.

— O que queres por aqui?

O tom grave intimidada, a criação humilde não ajuda e assim a voz sai meio embargada. O rosto voltado para o chão.

— Coroné, o sinhô sabe da minha situação. Precisamo de mantimento em casa. Tenho muito fio e a coieita inda vai demorá...

— Não é aqui que tens de buscar comida.

— Coroné, eu fui embora e o sinhô num acertô... Foi muitos ano de trabaio...

— Eu te avisei. Se tivesses me ouvido, ainda estarias aqui. Mas não, és ganancioso, queres ser fazendeiro...

O negro ergue os olhos.

— Mas, Coroné, eu só quero o que é justo. Foi cumbinado, o sinhô se alembra.

O fazendeiro se irrita mais com o olhar do que com a frase do antigo empregado.

— Escuta aqui, negro vagabundo. Eu não te devo nada. Tu vivestes nesta fazenda às minhas custas e agora, só porque arrendastes um pedacinho de terra, achas que podes vir aqui me desaforar?

Dois capangas armados surgem e se posicionam ao lado do Coronel. Sobre a mula, o garoto observa a cena assustado, com seus grandes olhos quase saltando das órbitas.

— Pai...

— Fica aí, meu fio!

As palavras se misturam em sua mente de criança e logo ele perde o rumo da conversa. Olhares e acenos se agitam cada vez mais. A grande escada que dá acesso à varanda parece rodar à sua frente. Os degraus surgem e desaparecem quase que por encanto. Segura as rédeas para não cair. Agemiro, num ato inocente enfia a mão em seu embornal. O gesto é interpretado como uma ameaça pelos capangas. Um estampido seco assusta a montaria que joga o garoto ao chão e foge. Ao se pôr de joelhos, vê seu pai tombado no sopé da escada que se converte em uma pequena cascata de sangue. À frente, uma arma apontada soltando fumaça pelo cano. Na mão direita de Agemiro, alguns papéis com anotações escapam dos dedos inertes, esvoaçando ao sibilar de uma rajada de vento frio. Com os olhos cheios de medo, o garoto se lança em direção à ponte de madeira.

— Segura o menino!

Os dois homens correm em perseguição ao garoto que, ao transpor a ponte, atravessa a cerca de arame que margeia a estrada. As farpas rasgam suas roupas e pele.

— Ele vai entrar no curral. Agora é nosso. Chama os cachorros.

Gritos e latidos assustam o gado que ensaia uma fuga exatamente quando o fugitivo passava.

— O gado disparou. Vai pisotear o moleque.

A poeira se levanta, encobrendo a cena. Os homens aguardam por um instante, esperando a passagem dos animais.

— Vamos lá agora. Não deve ter sobrado nada dele.

No entanto, para surpresa dos perseguidores, o corpo não foi encontrado.

— Mas pra onde ele foi? Como escapou do gado?

— O moleque deve ter parte com o diabo.

— Só pode ser. Você viu os olhos dele? Chega a dá medo!

— Mas ele num vai longe, tendo parte com o demo ou não. Olha o sangue no chão, o gado deve ter ferido o moleque.

Mais adiante, descendo o leito do córrego, o garoto se afasta cada vez mais, remoendo as dores do corpo, arrastando uma perna quebrada. Gravado para sempre na mente, leva o rosto assustado do pai segurando na mão direita os papéis com anotações de serviços prestados ao Coronel. Quando alcança a floresta na encosta do morro, o tempo escurece de repente. Uma pesada nuvem negra surge no alto das árvores, espalhando a sua pesada sombra naquele lugar. O vento que a trazia sacode os galhos, jogando sobre ele folhas secas que serpenteiam pelo chão. Um relâmpago risca o céu anunciando a tempestade. Os primeiros pingos de água tocam o seu rosto, mas não conseguem lavar a amargura e o ódio que havia se espalhado em seus olhos. O menino arrasta a perna e caminha, contorcendo-se de dor. As feridas ardem e parecem consumir seu pequeno corpo numa mistura de sensações que vão do medo à dor e ao ódio. A nuvem negra que se estende sobre a floresta parece ter vindo como um manto, uma proteção macabra que irá acompanhá-lo por toda a vida, guiando-o pela escuridão a que sua mente agora se entrega. O garoto cai sem forças. Sua alma parece abandoná-lo para que outra assumo o comando. Uma alma atormentada, tão sombria quanto a nuvem que paira sobre ele. A criança não existe mais.

O REMÉDIO: A MORTE

Triângulo Mineiro, dezesseis anos após esse desconhecido e indiferente caso acontecido no estado do Sul. Pequenas cidades como Capinópolis, Canápolis, Centralina, Vazante e várias outras caminham lentamente em direção ao progresso. Na verdade, pouco crescem, algumas casas aqui, outras ali, mas a paisagem é praticamente a mesma. Na zona rural, os pastos, o gado, as lavouras, as fazendas, quase nada se modifica, nada de novo acontece. Até aquele momento.

Era uma tarde cinzenta de dezembro, no vale Córrego das Galinhas. O tempo teimava em permanecer nublado. O sol clareava o dia, mas permanecia encoberto pelas densas nuvens. A estrada, aberta a enxadas, rompia o pequeno lugar circundado de mato fechado e poucas roças de milho. Edivaldo, um camponês imigrante do Norte, de porte avantajado e pele queimada do sol, caminha a passos largos no meio da estrada deserta. Suas mãos, grossas pelos calos, levam uma foice recém-amolada juntamente com a parafernália usual da lida. De cabeça baixa, não percebe um homem que sai por trás de uma rama de arbustos e se posta, aproximadamente, a vinte metros à sua frente. Depois de mais alguns passos, Edivaldo nota o vulto, mas não se preocupa. Encontros assim são comuns naquelas bandas. Graças às terras férteis da região, gente de todo o País é atraída para o Triângulo Mineiro.

Enquanto se aproxima, observa o pequeno homem, pouco mais de um metro e meio, uma calça notoriamente larga, suja e esfarrapada nas barras que alcançam suas canelas cobertas de enormes cicatrizes. No tronco, uma camisa de linho, encardida com vastas manchas de suor engordurado e sujeira incrustada. Os pés calçam uma velha botina de

couro rasgada dos lados, deixando os dedos à mostra. Suas mãos seguram uma espingarda rudimentar com o cano serrado ao meio, o que a torna imprestável para a caça. Um facão de tamanho médio, atravessado na cintura, preso a uma cinta de couro, ajuda a dar contornos à grotesca figura. Sua cor escura ressalta os olhos injetados, grandes em uma cabeça pequena ornada por cabelos crespos de formato arredondado, rosto imberbe, lábios finos e nariz pequeno. Sua baixa estatura lhe dá um aspecto quase inofensivo.

A passos mais lentos agora, Edivaldo muda sua direção para desviar-se do sujeito que continua parado no meio do caminho. Apesar do jeito estranho, não há motivos aparentes para temer aquele homem. O tempo começa a mudar e as nuvens enegrecem. O vento sibila nas árvores e faz o clima esfriar. Uma revoada de pombas-de-bando procurando abrigo quebra o silêncio. Os olhares se cruzam vagarosamente.

O camponês espera se aproximar um pouco mais e ensaia uma saudação levando a mão direita ao chapéu. Não há tempo. A pequena figura se volta rapidamente e a arma é levantada à altura do peito. O disparo ecoa por todo o vale. Edivaldo tomba com o impacto do tiro. Caído na estrada, ele se apavora com as dores e o sangue em suas mãos. Sem nada dizer, o assassino se aproxima de sua vítima, curva-se, encara-a como se quisesse dizer alguma coisa, puxa da cintura o facão e desfere um golpe na altura do pescoço. Movido pelo reflexo, a vítima coloca a mão na frente da arma numa tentativa desesperada de evitar o violento golpe que corta seus dedos e quase decepa sua cabeça.

O sangue jorra pela estrada em largos e constantes esguichos. O camponês ainda agoniza, emitindo sons guturais, enquanto é arrastado para o meio da mata. Um trovão atravessa o ar, rugindo como uma voz nervosa e grave a reclamar, desaprovando a horrenda cena. A chuva desaba torrencialmente. Os olhos injetados da terrível criatura brilham e um leve sorriso aparece em seu rosto agora revigorado pelo elixir de sangue, pelo remédio que regularmente precisa tomar: a morte!

ANOS DE CHUMBO

1972 é um ano turbulento para o Brasil. Os efeitos do Ato Institucional número cinco, o AI-5, decretado quatro anos antes pelos militares e que dava amplos poderes ao Presidente, começa a interferir no dia-a-dia das pessoas, principalmente nas capitais, onde fervilham intelectuais revoltosos e desafetos ao regime. A Capital mineira não foge à regra. Belo Horizonte vive entre conflitos, atentados, prisões, torturas, exílios e desaparecimentos misteriosos. Uma onda de terror e injustiças varre o País dando cobertura a facínoras disfarçados de patriotas a serviço da lei, gerando terreno fértil para psicopatas darem vazão às suas mais bizarras fantasias.

O jovem tenente Oliveira, recém-formado advogado, ingressou na Polícia Militar com a intenção de ajudar e proteger. Mas não é bem o que tem feito nos últimos tempos. Sua ótima condição física aos 29 anos e a perspicácia e inteligência fizeram dele um dos principais agentes do DOPS – Departamento de Organização Política e Social, uma espécie de serviço de inteligência nacional, criado pelos militares com o único e específico fim: reprimir qualquer insurgência contra o atual regime.

Em seu pequeno apartamento no centro da cidade, ele escuta o som estridente das sirenes e reflete sobre sua atual situação. “O que estou fazendo? Não foi pra isso que me tornei um homem da lei. O que está acontecendo com todo mundo lá fora? Sempre pensei que pertencer à polícia seria estar ao lado da lei, cumprir a lei e punir os culpados. Não sei... Não sei mais quem são os culpados.”

Seu pensamento volta no tempo e ele começa a se lembrar do desfecho de sua última investigação quando, ao lado de seu parceiro Lima, bate à porta de uma casa simples na periferia. Passa da meia-noite.

— Abra a porta! É o DOPS!

As batidas quase arrebentam a frágil porta de madeira. Um homem assustado abre sem entender o que está acontecendo. Num gesto brusco, os dois agentes invadem a pequena residência empunhando armas e lanternas. Com os solavancos, o homem cai sobre uma mesa, derrubando um vaso que se estilhaça no chão.

— Fique quieto e coloque as mãos na cabeça.

— Mas, o que tá acontecendo?

— Cale a boca. Tem mais alguém na casa? — grita Oliveira.

— Minha muié e meus fio...

— Eu verifico — Lima se apressa.

O agente vai em direção ao quarto com a arma em punho. O morador se desespera.

— Moço, pelo amor de Deus...

Oliveira esbofeteia o assustado homem.

— Cale a boca seu comunista miserável!

— Por favor. Não sou nada disso que o sinhô tá falando.

— Antônio Aparecido dos Santos é seu nome, não é?

— É sim sinhô, mas eu...

— Você foi flagrado em uma manifestação contra o Governo hoje no centro da cidade.

— Eu? É engano, moço.

Outra bofetada faz sangrar o nariz do pequeno homem. Suas lágrimas se misturam à saliva de seus lábios já inchados pelas agressões físicas.

— Seu Antônio, o senhor esconde rebeldes aqui? É melhor falar o que sabe. Se levarmos o senhor pra delegacia...

Lima volta do quarto trazendo uma mulher pelos cabelos que, com um bebê nos braços e uma garotinha agarrada a suas pernas, chora copiosamente.

— Oliveira, aqui só tem essa vadia. Ele falou? Vamos levá-lo.

O rosto do agente Lima tem uma aura estranha. Sua voz parece embriagada pelo terror que consegue impor à indefesa família.

— Espere aí, Lima.

Oliveira enfia a mão no bolso e retira um pedaço de papel.

— Seu Antônio, o senhor reconhece isso aqui?

O homem se inclina e observa um folheto.

— Conheço sim sinhô. É o papel que eu tava entregando hoje na rua. Era meu trabalho...
— O senhor tem ideia do que fez? Sabe no que está envolvido?
— Não sinhô. Eu só distribuí os papéis do jeito que me mandaram.
— Quem mandou?
— Num conheço, moço. Me pagaram pra distribuir.
— Chega Oliveira! Esse cara é um abusado — resmungando o agente.
— Calma aí, Lima. Seu Antônio, pode me dizer o que está escrito neste panfleto?
— O moço disse que era um anúncio pra comprar ouro. Foi isso que ele falou.
— O senhor está me dizendo que não leu o panfleto?
— Moço, tenho leitura não... Precisava de serviço... Meus filhos tão passando fome, não arranjo emprego.

— Isso é conversa fiada, Oliveira. Não vai cair nessa, vai?

— Lima, por hoje chega.

— Que isso, Oliveira? Tá amolecendo? Vou algemar o patife.

Oliveira se vira para o parceiro e o encosta brutalmente na parede. Sua mão envolve e aperta com força a garganta de Lima. Sob o olhar estupefato da família, cerra os dentes e fala próximo ao ouvido do homem.

— Eu disse: por hoje chega!

Sentindo o ar voltar aos pulmões, Lima dá uma longa respirada e tosse com dificuldade. Oliveira tenta se acalmar.

— Ajeite sua gravata e vamos embora. Seu Antônio, vou deixar um cartão com meu número particular. Ligue-me se alguém voltar a procurá-lo. E a propósito, aprenda a ler imediatamente. Sua vida vai depender disso.

Lima se recompõe sem graça, encara o homem encolhido, já abraçado à sua mulher e filhos, e o fita com olhar carregado de ódio. Em seguida, os dois policiais se retiram e entram no carro sem dar uma palavra. Oliveira acende um cigarro, olha a brasa fixamente por um instante e o joga pela janela. O carro arranca. Continuam em silêncio.

Em seu apartamento, Oliveira se recupera de sua lembrança e vê que está com outro cigarro apagado nos dedos. Joga-o no cinzeiro e balança a cabeça em reprovação a si mesmo. Nesse instante, o horizonte se cobre de negro. Ele observa pela janela semiaberta as pesadas nuvens que se agrupam e avançam em sua direção. Os edifícios se encolhem para não serem tocados e o tenente se entrega completamente às trevas que cobriam sua vida.

CIDADE DO MEDO

A notícia da morte do camponês espalha-se rapidamente. As emissoras de rádio da região dão enfoque à brutalidade ocorrida, transformando o caso numa verdadeira história de terror. O corpo fora encontrado no dia seguinte por outros peões da redondeza enquanto campeavam o gado. Em Capinópolis, uma das cidadezinhas próximas ao local do atentado, o crime bárbaro passa a ser o principal assunto em todas as rodas e conversas de boteco. O armazém de Ezequiel, conhecido como o Turco, era o ponto das discussões mais acaloradas sobre o caso. Misto de mercado e botequim, era ali que todos ficavam sabendo das novidades ora pelo rádio, ora pelos jornais que chegavam sempre com certo atraso, ora pelos boatos.

— Pra mim, isso foi coisa desses agregados de fora, que vivem arrumando confusão.

— É verdade. Basta eles beber um gole a mais pra sair por aí ameaçando todo mundo de peixeira na mão.

— Dizem que ele corta e leva os dedos da pessoa.

— Só pode ser o diabo!

— E por falar nele...

Nesse momento, uma velha Rural Willys para em frente ao armazém. Na carroceria, um enorme e preto cão da raça pastor belga. Um homem de barba cerrada, alto, forte e expressão rude desce do carro e adentra o local. Todos param a conversa e observam o visitante com redobrada atenção. Sua pele escurecida pelo sol contrasta com os cabelos grisalhos, quase brancos. Com voz grave e quase sussurrada, ele fala o suficiente para ser entendido.

— Boa-tarde a todos! Boa-tarde, seu Ezequiel! Separe para mim o de sempre, por favor.

— É pra já, professor. Chegou o veneno pra rato. Vai levar também?

— Pode colocar.

O clima constrangedor entre os clientes espalha um breve silêncio pelo armazém.

— Está abafado hoje, não? — comenta o recém-chegado numa tentativa de quebrar o gelo.

— É, vamos ter mais um temporal no final da tarde — responde um dos homens ao comentário.

— Professor, o que o senhor acha desse crime terrível? — a pergunta vem de outro cliente que saboreia lentamente um café.

— Uma tragédia! Espero que as autoridades resolvam rápido.

— O senhor falou tudo. Tem que ser rápido. Já teve morte antes e ninguém fez nada até agora.

Mais alguém entra na conversa:

— Se for preciso, o caso passa pros “milico”. Meu pai disse que eles sabem botar ordem nas coisas.

O professor franze a testa e se volta na direção do comentário que vem de um jovem com pouco mais de 20 anos.

— Garoto, você não tem noção do que está falando. A única ordem que esses sujeitos conhecem é a lei da força. Não passam de um bando de nazistas. Matariam a mãe para cumprir uma “ordem”!

O silêncio volta a preencher o local.

— Aqui estão suas compras, professor. Já anotei.

— Obrigado, seu Ezequiel. Boa-tarde. Passar bem.

Quando o homem deixa o recinto, todos se entreolham.

— Vixe! O que será que deu nele? Não entendi nada do que ele falou. Quem é esse tal de Nazista?

— Esse professor é muito esquisito. Veio pra cá, ninguém sabe de onde, ninguém conhece, ele num fala com ninguém... pra mim, aí tem coisa.

— Eu nem sei o nome dele.

— Dizem que é um comunista fugitivo. Tá se escondendo aqui. Na entrada de suas terras, pro lado do rio Paranaíba, tem uma foice e um facão fincado na porteira.

— E você sabe lá o que é comunista, Tião?

— Uai, eu não, mas o padre falou que é coisa do “demo”.

— Gente, e se ele for o assassino?

— Meu avô falou que essa gente da cidade grande é tudo metida com bruxaria. Cruz credo!

Um pouco mais adiante, o professor, como sempre faz, cumprimenta, meneando a cabeça, uma bela moça nas dependências da prefeitura.

PORÕES

O sol começa a se pôr em Belo Horizonte. O prédio que abriga o DOPS da Capital mineira está em polvorosa. O tenente Oliveira atravessa o saguão sem cumprimentar ninguém.

— Segure o elevador, por favor.

Ele entra e as pessoas se afastam, abrindo espaço. Oliveira aperta o botão do sexto andar e espera em silêncio. Com o olhar baixo e as mãos cruzadas à frente do corpo, aguarda a porta se abrir. O local é o comando geral do departamento. Desde que se instaurou a ditadura no País, tornou-se uma espécie de QG, um lugar temido e só frequentado pelo alto escalão. Dali, saem as ordens que podem mudar a vida de uma pessoa para sempre. O agente entra na sala sem bater à porta. Uma secretária o recebe educadamente.

— Por favor, senhor Oliveira, o Tenente-Coronel o aguarda.

Sem responder, o homem adentra a grande sala do famoso e temido sexto andar. O local nada tem que possa parecer luxuoso ou requintado. É simples, como pede o rigor militar. Persianas nas grandes janelas filtram os últimos raios de sol. O ar é lúgubre; cheira a mofo e cigarro. No canto, um filtro de água. Uma enorme estante na parede do fundo, repleta de livros. O Tenente-Coronel está falando ao telefone, sentado atrás de uma escrivaninha

com pilhas de papel em cima. Atendendo a um gesto, Oliveira senta-se e aguarda. A conversa ao telefone parece tensa.

— Sim, senhor, eu entendo. Estamos fazendo o possível. São as consequências, senhor... Não, eu não quis dizer isso. Certo, senhor. Obrigado, senhor. Uma boa noite para o senhor também.

O militar desliga o telefone visivelmente irritado, mordendo os cantos da boca. Por alguns instantes fica em silêncio, cabisbaixo, como se não percebesse mais a presença de alguém na sala. Sem nenhuma saudação formal ele começa a falar;

— Você já ouviu falar de Praga, a cidade? Claro que já. É um homem culto, não um burro xucro como eu. Sou militar por causa do meu pai, que lutou ao lado de Getúlio na revolução. Era meu destino... Até a semana passada eu nem sabia onde ficava isso.

O homem faz uma reflexão, bebe um pouco de água e torna a falar.

— Mas veja, Tenente, como são as coisas. Um bando de anarquistas faz merda lá na puta que pariu e a coisa vem feder aqui.

Ele olha pela janela e parece fitar algo ao longe.

— Os rebeldes daqui estão inspirados pelo levante de lá. E sabe no que deu? O nosso ministro acaba de baixar um novo decreto; a partir de agora até ex-presidente vai ser tratado como rebelde... Cada rodinha onde tiver um violão é considerada “núcleo suspeito”.

Oliveira, demonstrando impaciência, resolve interromper.

— O senhor mandou me chamar, Tenente-Coronel?

O oficial respira fundo, toma um gole de água e fita o agente.

— Tenente, o que aconteceu entre você e o Lima?

— Meu parceiro se excedeu na operação de averiguação, senhor. Tive que contê-lo.

— Oliveira, sabe o que está acontecendo neste exato momento no País?

— Não entendi a pergunta, senhor.

— Estamos sob ataque. Nosso regime está exposto e talvez esteja atravessando o seu pior momento. Você é jovem ainda pra entender tudo.

— Senhor, eu tento fazer meu trabalho da melhor maneira...

— Escute, rapaz. Você é nosso melhor agente. Não acredito que esteja vivendo uma crise de identidade justo agora.

— Senhor, eu...

— O Lima me relatou os detalhes da operação. Você fraquejou!

— Senhor, eu avaliei a situação como sempre faço. Não havia riscos.

— Oliveira, por favor, não me faça perder tempo. Sua missão é rastrear e encontrar os filhos da puta. Você tinha o sujeito que podia lhe dar as pistas para chegar ao ninho desses rebeldes de merda e o que fez? Rapaz, olhe pra mim. Acha que quero ficar com meu rabo enfiado neste esgoto o resto dos meus dias? Dediquei minha vida ao regime, e não é você quem vai botar tudo a perder. Meu trabalho é analisar essa montoeira de processos e relatórios e enviar informações precisas ao Comando. Estou a um passo de conseguir minha promoção, mas para isso preciso de eficiência, entendeu? E-fi-ci-ên-cia! Estamos na mira do Comando Geral. Eles acham que somos incapacitados, e aí você ainda faz isso!

— Senhor, não havia motivos para...

— Você perdeu o controle, Oliveira. O Lima não será mais seu parceiro nas investigações.

— Tudo bem, senhor. Mais alguma coisa?

— Não traia seu país, Oliveira. Não me traia. Sempre confiei em você. Seu dever para com a Nação tem que estar acima de tudo, entendeu? Tudo!

— Desculpe-me, senhor. Não era minha intenção prejudicar as investigações. E posso lhe afirmar: aquele homem não estava envolvido. Investiguei o informante, era vizinho do suspeito e desafeto declarado. Não podemos sair por aí prendendo e interrogando cada pessoa que for delatada pelo vizinho ou por algum inimigo.

A sala está completamente escura. A secretária bate à porta e avisa que está indo embora. O Tenente-Coronel se levanta, dá a volta na escrivaninha, aperta o interruptor acendendo uma lâmpada de luz amarelada na sala e coloca a mão sobre o ombro do agente.

— Filho, você é um bom homem. Mas essas “delações”, como você está dizendo, são nossa única fonte de informação. Entendo seu lado, é muita pressão realmente, mas isso passa. Aceita um cigarro?

— Não senhor, obrigado. Parei de fumar.

— E o casamento? Como vai a Beatriz?

— Não estamos muito bem, se é isso que o Senhor quer saber. Ela pensa um pouco diferente de mim, mas não misturo as coisas...

— Calma, Oliveira, eu sei disso e sua vida pessoal não me interessa. Só peço um pouco de foco no trabalho, tudo bem?

— Tudo bem, Senhor.

O DIABO ESTÁ LÁ FORA

A madrugada avança. O ar começa a esfriar, preparando a alvorada. Os galos cantam em espaços prolongados. Uma sinfonia irregular e melancólica que faz a região de Canápolis despertar vagarosamente. Nas pequenas propriedades em volta da cidade, a lida começa mais cedo. José Hamilton é o primeiro a se levantar em sua casa de adobe, no lugar conhecido como Córrego da Areia. Sua tarefa inicial é retirar o leite das suas poucas vacas no pequeno curral encostado à mata.

O dia ainda está escuro. As sombras podem facilmente ocultar quem estiver mal-intencionado. Sobre uma árvore, camuflado entre as folhas, um vulto observa o chacareiro

passar pela trilha segurando os baldes e uma corda de couro jogada no ombro. Dois grandes olhos brilham na escuridão como se tivessem vida própria.

Já no curral, José prende as patas traseiras de uma vaca e começa a tirar o leite. Sentado em um toco rudimentar preso por uma alça à cintura, não percebe a aproximação de alguém às suas costas. Um galo canta ao longe. O sol começa a despontar no horizonte. Um velho cachorro late sem sair do lugar. Pressentindo o perigo, José se vira rapidamente e encara um homem com as duas mãos levantadas, segurando um porrete. Não há tempo para reação. A pancada é violenta e certa. O crânio afunda ao mesmo tempo em que o couro cabeludo se rompe, espalhando sangue e massa encefálica. O corpo tomba para o lado, caindo lentamente na terra úmida. O sangue jorra dentro do curral misturando-se ao leite derramado.

As vacas mugem assustadas. O agressor de olhos injetados olha para os animais e parece se irritar com aquela agitação. José ainda agoniza em espasmos e convulsões. Mais um golpe e sua cabeça é esfacelada. Fragmentos de ossos e cérebro se espalham pela cerca do curral, junto às gotas de sangue. O sol começa a clarear o dia. O canto dos galos se mistura ao gorjeio dos pássaros. Um momento paradoxal de harmonia e caos. As vacas se juntam numa manobra de proteção. José finalmente para de se mexer. O estranho assassino desaparece na mata, no momento em que um grito de horror ecoa na imensidão. A esposa de José aparece na porta da casa.

É meio-dia. As pessoas se amontoam na venda de Ezequiel em Capinópolis para ouvir, através do rádio, as últimas notícias. Todos já sabem do ocorrido no município vizinho, mas querem a versão oficial divulgada pela polícia. Um repórter anuncia que está diante do delegado e ele irá falar.

— Senhor delegado, o crime pode ter sido cometido pelo mesmo assassino de Edivaldo há dois dias, no Córrego das Galinhas?

— Existe a possibilidade. A distância não é longa e a maneira com que as vítimas foram encontradas leva a essa conclusão.

— E quanto ao motivo dos crimes?

— Esta talvez seja a nossa maior dúvida. Não houve roubo nem sinais de luta, o que prova não ter havido discussão entre as partes. Parece que ele mata à traição. Não há um motivo sequer para tanta violência.

— A polícia já tem pistas do assassino?

— Estamos averiguando. Nossos homens estão no local. É uma questão de horas para colocarmos esse monstro atrás das grades. Porém, enquanto não o prendemos, pedimos às pessoas, não só de nosso município, mas de todos os municípios vizinhos, que tranquem bem suas portas ao escurecer, evitem lugares afastados e procurem não andar sozinhas. Ao perceberem qualquer coisa fora do normal, entrem em contato o mais rápido com as autoridades próximas. Estamos empenhados nas investigações, mas ele pode estar em qualquer lugar, inclusive nas ruas ou nos becos das cidades.

Bastam alguns minutos para o pânico se instaurar nas redondezas. Um maníaco assassino se esconde na região! As pessoas se desesperam; não estão acostumadas à violência e ao medo. Há um monstro à solta e qualquer lugar pode ser uma armadilha. Resta apenas se trancar em casa e se ajoelhar aos pés do santo protetor com o rosário nas mãos.

NO PAU-DE-ARARA

O telefone toca às três da manhã, na casa do agente Oliveira. O homem rola para o lado, tateando para encontrar o aparelho próximo à cama.

— Alô? O quê? Por favor, fale devagar... Sei, sei quem é a senhora. Quando? Fique tranquila, senhora, estou indo pra lá.

Sua esposa, ainda sonolenta, tenta entender o que está acontecendo.

— O que foi?

— Lima! Foi o desgraçado do Lima.

Em pouco tempo, ele chega ao Quartel General do DOPS e desce as escadas que dão acesso aos porões. Um dos soldados de plantão tenta barrá-lo.

— Agente federal Oliveira. Deixe-me passar.

— Desculpe, oficial, mas tenho ordens de não deixá-lo entrar.

Os corredores trazem até ele gritos e gemidos de dor.

— Quem é seu superior?

— Não estou autorizado a responder, senhor.

— Muito bem. Quem é o oficial do momento aqui?

— É o tenente Alves, senhor.

— Chame-o. Quero falar com ele agora. Vá, isso é uma ordem!

O oficial se apresenta. Homem de farda impecável, óculos fundos de garrafa e voz macia.

— Boa-noite, agente Oliveira. Em que posso ajudar?

— Tenente, preciso entrar. É uma questão de Estado.

— Tudo aqui é questão de Estado. E as ordens referentes ao senhor foram claras. Sem uma autorização do Comando, nada posso fazer. Mais alguma coisa, agente?

Extremamente irritado, Oliveira tenta furar o bloqueio dos guardas. Eles o seguram pelos braços. Num desabafo, grita:

— Lima, seu sádico! Está cometendo um erro. Desgraçado! Eu sei que está me ouvindo.

— Senhor, acalme-se ou teremos que tomar medidas drásticas.

— Larguem-me!

Os guardas soltam-no. O suor escorre em seu rosto. Ele ajeita os cabelos e tenta se recompor. Os gritos vindos do corredor prosseguem. O agente escora-se na parede impossibilitado de fazer alguma coisa. Por sorte, alguns minutos depois, chega o Tenente-Coronel escoltado por dois guardas.

— Oliveira? O que faz aqui?

— Senhor, estão cometendo um equívoco. Temo que seja tarde demais.

— Do que está falando?

— Lima prendeu o homem que interrogamos naquele dia por causa dos panfletos.
— O analfabeto que você livrou a cara. Por que defende tanto esse sujeito?
— Ele é inocente. Isso não basta? O coitado nada tem pra nos passar. Senhor, faço interrogatórios há anos e sei quando alguém está escondendo informações. Não é uma questão pessoal. Deixe-me entrar. O senhor me conhece... Por favor, não nos torne cúmplices desse louco do Lima.

— Venha. Deixem-nos passar.

No final do longo corredor, dois soldados protegem a entrada de uma sala.

— Senhor Coronel! — os soldados fazem continência.

— Afastem-se!

Empurrando a porta, os dois adentram ao local. Por trás de uma estante, Lima aparece limpando com um lenço as mãos ensanguentadas. Sua voz sai carregada de sarcasmo.

— Parece que nosso homem finalmente resolveu falar...

— Onde está ele?

— Ele está bem agora, está descansando.

Os dois olham para além da estante e veem um pobre coitado despido, com pés e mãos atados, dependurado em uma barra de ferro a um metro do chão. Ele está inconsciente, com o rosto completamente desfigurado. Sua respiração é ofegante e o sangue que escorre do nariz e da boca parece lhe causar afogamento. Oliveira dá mais um passo em direção ao agente.

— O que você fez, seu patife?

Seu superior intervém:

— Oliveira, por favor. Você disse, Lima, que o sujeito falou. O que ele disse?

— Deu-me alguns nomes, senhor. Uma lista na verdade. Lima fita profundamente os dois militares à sua frente.

Oliveira não se contém:

— Deixa eu adivinhar. Esta lista traz os nomes de alguns de seus principais desafetos, não é, Lima? É bem provável que até meu nome esteja nela. Você é doente!

— Senhores, contenham os ânimos, por favor — alerta o Tenente-Coronel.

— Tudo bem, senhor, eu entendo — disse Lima. — O agente Oliveira está um pouco perturbado ultimamente.

— Quem acompanhou seu interrogatório? — insiste Oliveira. — Quem estava aqui com você enquanto alimentava o seu sadismo?

— Você está me ofendendo, Oliveira. Sabia que posso te processar? Eu só fiz o trabalho que você não teve coragem de fazer.

— Seu cretino!

Oliveira avança contra seu opositor, mas é detido pelo Tenente-Coronel.

— Parem agora mesmo ou mando prender os dois. Tragam uma maca, levem este homem imediatamente para a enfermaria e façam o necessário para a sua recuperação. E você, Oliveira, assim que o sol nascer, esteja em meu gabinete. Temos que ter uma conversa definitiva.

BANHO DE SANGUE

Três dias transcorreram desde a última morte no Triângulo Mineiro. O tempo passa devagar para os habitantes das pequenas cidades e, principalmente, para os moradores da zona rural. Todos têm a certeza de que o perigo não passou. Sabem que o assassino está nos arredores, pronto para fazer outra vítima. Por isso já não saem mais de casa à noite e ninguém se atreve a andar sozinho pelas estradas. Algumas necessidades, porém, precisam ser resolvidas.

O caminho que leva os alunos até a pequena escola rural é, como em toda região, cercado de espesso matagal. A professora Ana Luíza dirige uma charrete puxada por um velho cavalo. Não pode deixar os alunos sem aula, mesmo sabendo que poucos irão aparecer. Com ela, estão três crianças, seus sobrinhos, que estudam na escola. São poucos quilômetros da fazenda onde mora, e a metade do percurso já foi percorrida.

A jovem professora tenta descontraír as crianças com cantigas e jogos de adivinhação, mas elas só têm olhos e ouvidos para as matas. As primeiras horas da manhã ainda não experimentam o calor do sol, completamente escondido entre as carregadas nuvens. A curta viagem, antes divertida e corriqueira, parece não ter mais fim.

O tempo fecha um pouco mais. O vento sopra com força e uma garoa começa a precipitar. Ana Luíza abre um velho guarda-chuva preto e faz com que todos se protejam, apertando-se uns aos outros. Por um momento, eles se esquecem do medo e esboçam sorrisos. Agora só falta uma curva e a pequena descida do morro para estarem em segurança junto aos demais. Neste instante, eles avistam uma figura caminhando vagorosamente na margem esquerda da estrada, trazendo uma foíce no ombro, uma espingarda pendurada nas costas e um facão preso na cinta. É um homem pardo, de cabelos crespos e olhos injetados, mas ninguém se atreve a encará-lo.

A professora pede calma às crianças e começa a rezar. A charrete continua sendo puxada lentamente na direção daquela horrível criatura, quem sabe na direção da morte. As respirações estão ofegantes. O silêncio é sepulcral e dá pra se ouvir os minúsculos pingos da garoa tocarem o guarda-chuva, formando uma estranha batucada tão acelerada quanto as batidas daqueles indefesos corações. O homem está agora a poucos metros da charrete. Uma das crianças começa a chorar.

— Não chora, shhh! Por favor, não chora, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem...

Ana Luíza tenta acalmar as crianças e conduz o animal com as mãos trêmulas contendo os movimentos bruscos. Não há nada a fazer a não ser aguardar. Quando o encontro acontece, os meninos estão todos agarrados à professora. O homem para e espera a charrete cruzar o seu caminho tranquilamente. Seu olhar é vazio, intimidador e distante ao mesmo tempo. Aos poucos, dá as costas e retoma seu caminho ainda ouvindo o ranger da carroça que desaparece na curva da estrada.

Não, não era a hora certa para matar alguém. Toda morte precisa ser planejada, cautelosamente estudada. Aquele não era o lugar ideal, alguém podia aparecer a qualquer momento, não seria prudente arriscar. Claro que as pretensas vítimas eram inofensivas e tinham o sangue fresco de que tanto precisa. Mas não, ele tem um padrão, um estilo diferente e, além disso, havia dormido bem a noite passada, numa velha casa de tábuas encontrada no pé da serra. Estava se sentindo bem, calmo até. A morte pode esperar.

Em Capinópolis, os quase 6.000 habitantes se preparam para mais uma noite. O medo faz todos se trancarem em suas casas. Obedecem a um toque de recolher que eles próprios decretaram. O pôr-do-sol era o momento e ninguém se arriscava pelas ruas desertas, já que havia um louco matando pessoas inocentes sem nenhum motivo.

Nas imediações, uma chácara encostava-se à cidade como se pedisse proteção. Seus 12 alqueires encolhiam-se em direção às luzes que emanavam do povoado. Seu Alcindo e dona Madalena apartavam os bezerros e fechavam o gado no curral. Era a última tarefa do dia para o homem. A velha mulher ainda iria retirar das formas os queijos daquele dia e colocá-los sobre as tábuas para escorrer. Tudo parecia tranquilo. A sombra da noite encobre a casinha do paiol e dois olhos arregalados, feito um casal de vaga-lumes, assentam-se rente à parede de tábuas.

— Vem pra dentro, Alcindo. Já tá escuro.

— Já vou, muié.

— Num brinca não. Ocê ouviu os boatos lá na cidade. Tem um monstro andando por aí.

— Ora, deixa de sê medrosa. Só vou guardar o balai de mio que ficou de fora. E a boia? Que hora sai?

O homem pega o utensílio jogado ao lado da cisterna e se dirige ao paiol. Uma coruja entoia seu canto de morte e voa para o alto do abacateiro para assistir ao espetáculo. A porta é aberta e o balaio atirado sobre o milho. Ao se voltar, o homem se depara com uma grotesca figura que traz nas mãos uma grossa lasca da cerca. Sua vasta cabeleira fazia contornos visíveis na pequena barragem azul que ainda havia no horizonte. Os grandes olhos tinham sede de sangue. Quando a madeira ergue-se no ar, Alcindo encosta-se na parede da velha construção, fazendo cair o chapéu.

— Madalena!

A pancada é violenta e o pobre homem bate as costas no portal, caindo aos pés de seu carrasco. O grito chama a atenção de Madalena que deixa cair a tábua de queijos.

— Alcindo, que foi isso?

Alcançando a porta, a mulher avista a horrenda criatura caminhando em sua direção.

— Mas, o que aconteceu? Ocê matou meu marido?!

O medo impulsiona a mulher para dentro da casa, mas as suas cansadas pernas não obedecem. Os joelhos dobram e ela se agacha ao encontro da morte, de mãos postas para o céu.

— Me proteja, meu Divino Espírito Santo!

A coruja pia mais uma vez e uma foice responde com um sibilo cortando o ar. A mulher tomba sem a cabeça, e um leve sorriso surge naquele rosto pardo, um pouco mais escuro pela cor negra na noite. Alguns minutos de silêncio, ninguém mais há na casa e o assassino sabe disso. Finalmente, ele coloca a arma nas costas e segue rente à moradia em direção ao matagal.

Chegando junto à cerca do curral, um mugido para os seus passos. Dentro do cercado, vários bezerros se agitam com aquela inesperada aparição. O homem desce a foice do ombro e fica ali parado, em transe, levado pelo tempo, vários anos atrás quando se viu perdido no meio do gado, correndo feito louco para não ser pisoteado. Sua perna quebrada naquela ocasião ainda dói nas mudanças de lua, e ele manca como se fosse castigo, para não esquecer o trágico dia da morte de seu pai.

O bezerro muge mais uma vez encostando-se nos outros, fazendo com que eles se agitem amontoados no canto daquele cercado. O barulho o traz de volta e a arma é erguida outra vez. Agora era diferente, ele não era mais aquela criança indefesa; não era mais a presa e sim o caçador. Nunca mais seria pisado por esses animais. Era preciso mostrar isso, talvez para si mesmo, e a cerca é transposta com a foice levada à frente.

Uma loucura sem dimensões toma conta do pequeno lance do curral. A arma sobe e baixa, ferindo e tombando um a um os bezerros. Mugidos de desespero e dor ecoam pelo céu escuro manchado por clarões alternados dos relâmpagos abafados pelas densas nuvens. O homem grita e salta de uma rês a outra, forrando o local com um barro vermelho. Um banho de sangue na solidão daquele recanto. Dezenove bezerros são jogados ao chão. O assassino muda a arma para concluir o trabalho. Usando o facão, degola os animais que ainda mostram sinais de vida. Ele parece se deliciar com o sangue cobrindo seu corpo num bailado horripilante em que a coreografia é embalada pelo rufar dos trovões ao longe. A coruja, satisfeita, bate asas em direção ao matagal.

TERRA AMALDIÇOADA

O relógio já contava dez horas daquela calma manhã em Capinópolis. Calma até demais. Dava para desconfiar de que a qualquer instante chegaria a notícia de mais uma morte. As pessoas que se dedicavam aos seus afazeres não tiravam os olhos da rua em busca de alguma agitação. Seu Alcindo ainda não havia chegado com o leite como habitualmente fazia. Sua égua marchadeira puxava a carroça com firmeza e nunca se atrasava. E sem falhas, a não ser no dia mais respeitado em toda região: a sexta-feira da paixão. Mas o mês era dezembro; ainda estava distante esse dia santo. E nem era sexta-feira. Alguém nota a ausência do sitiante e a rua principal se povoa. Logo o delegado Cipriano, homem baixo e forte, vindo do norte do país, apressa-se na averiguação.

— Pega o jipe aí, cabo. Vamos lá na chácara do homem. Rápido! Desliga logo esse rádio, ninguém vai dar notícia desse fim de mundo.

Mais dois policiais se apresentam e o quarteto, em poucos minutos, aproxima-se da modesta sede. Não chovia naquela manhã, mas o sol se mantinha recluso naquele lugar e o vento balançava com carinho o alto capim da beira da estrada.

— Tá muito estranho... O que é aquilo?

O quadro era horrível! Um pequeno cachorro latia ao lado dos corpos no quintal da casa, o gado mugia insistentemente preso no curral e o cercado dos bezerros parecia um pedaço do inferno que se materializara ali naquela manhã. O zumbido provocado por milhares de moscas que se banquetevavam era ensurdecedor. O sangue grosso de um vermelho bem escuro misturava-se ao barro exalando o repugnante cheiro da morte. Cipriano adverte:

— Cuidado onde pisam pra não apagar os rastos do assassino.

Mas a pista era bem clara. As pegadas de uma bota impregnada de sangue transpunham a cerca do curral e adentravam a mata que circundava Capinópolis.

— Ele não tem medo de ser pego. Está abeirando a cidade. É preciso avisar o pessoal.

— Eu vou — apressa-se o cabo Manoel, querendo mais sair daquele horrível lugar.

— Vê se traz gente pra cuidar dessa matança aqui — ordena o delegado. — Nós três vamos atrás dele. E agora mesmo!

Em pouco tempo, a chácara estava repleta de pessoas, a maioria curiosos.

— Mas ele é um louco! Cortou a cabeça dos bezerros. Por que fez isso?

— Só pode ser coisa do demônio! Ele deve usar o sangue pra fazer algum tipo de macumba.

— Dele, pode-se esperar tudo.

A notícia de que o bandido se abrigara nos arredores da cidade deixa a população mais preocupada ainda. Alguns já se trancam em casa mesmo durante o dia.

— Ei, pra que esse medo todo? O delegado tá na pista dele.

— Duvido que aqueles três molengas vão pegar o monstro. Periga é não voltar nenhum deles.

No armazém de Ezequiel, não se fala em outra coisa. Mais cheio que de costume, a agitação era grande.

— Todo mundo viu? Ele cortou a cabeça de dona Madalena!

— Gente, eu confesso que tô com medo. Nunca vi uma coisa assim.

— O seu Alcindo num tinha um ajudante? O Pretinho?

— Ele voltou pra cidade ontem cedo. Tava borrando de medo.

— Sorte dele.

A conhecida caminhonete Rural estaciona na calçada com o enorme cão na carroceria. O professor, como de costume, faz o burburinho do armazém cessar por alguns instantes.

— Professor, o senhor aqui na mesma semana!

— É, seu Ezequiel, vim comprar munição. Veja pra mim duas caixas de bala calibre 44.

— É pra já, professor.

— O senhor também tá com medo, professor? — arrisca o comentário um dos fregueses.

O homem se vira e responde:

— O assassino é um psicopata que não escolhe as vítimas com um critério. Ele simplesmente mata quem estiver em seu caminho. Não é o medo que me move agora. É a ausência de uma autoridade eficiente que me assusta. Já que não temos proteção, sobra pra nós mesmos a tarefa.

— Mas o delegado tá na cola dele...

— Vamos esperar o resultado. Obrigado, seu Ezequiel. Passar bem.

— Uai, parece que o homem ficou nervoso.

Três da tarde. O delegado caminha à frente com um revólver na mão esquerda e um facão na direita, seguido pelos dois policiais armados de fuzis.

— Não tô entendendo. Parece que a gente já passou por aqui...

— Passamos mesmo. Olha ali um ramo cortado.

— Ele é inteligente. Tá andando em círculo pra nos confundir. Sabe que tá sendo seguido. Olho no mato, gente, ele pode tá pertinho de nós.

Os policiais redobram a atenção e o medo.

— Não é melhor a gente voltar, seu Cipriano? Nós é só três contra ele.

— Tô pensando é em outra coisa. O povo tá lá na cidade sem proteção. Só tem o Mané. Pode ser a intenção dele tirar a gente de lá. Vamos voltar!

Após a infrutífera caçada do delegado, o medo toma conta da cidade. À noite, o prefeito Alberto Campos recebe em sua residência a visita de alguns fazendeiros importantes da região.

Na grande área de sua casa, uma mesa foi circundada pelos visitantes. Uma moça bonita, de cabelos claros e longos, coloca-se em pé com as mãos no ombro do prefeito.

— Cecília, é bom chamar o delegado. Ele precisa estar aqui.

— Vou providenciar agora mesmo, pai.

Em poucos minutos, Cipriano chega. A reunião estava acirrada.

— Isso não pode continuar, Prefeito. Minha roça vai perder. Os empregados dizem que não vão trabalhar enquanto não achar o Matador.

— Na minha fazenda, o gado tá solto. Ninguém tem coragem de reunir. Até pra tratar dos porcos, eles estão com medo.

— Já tem gente falando que vem pra cidade até passar este inferno.

— O que o senhor diz, seu delegado?

— Olha, eu andei no calcanhar dele a tarde inteira, mas meu esforço foi em vão. Não sei com que tipo de elemento tô lidando. Parece que a gente não tá preparado pra esse tipo de situação.

O prefeito intervém:

— Temos que fazer alguma coisa mesmo. Se os peões vierem pra cidade, vai haver uma queda na economia e isso não é bom pra minha administração e nem pro nosso partido.

— E falta nem um ano pras eleições.

— Isso mesmo — emenda o prefeito. — Se nosso delegado diz que não está preparado para o caso, vamos pedir ajuda. Está na hora de acionar os companheiros de Belo Horizonte.

— Muito bem. Só uma ação militar pra dar um jeito nesse criminoso demente que fez de nossa pacata região uma terra amaldiçoada.

SEM OPÇÃO

A sala do sexto andar, no prédio do DOPS em Belo Horizonte, está à sua frente. Oliveira contém os passos. Faz dois dias, desde seu desentendimento com o agente Lima e uma dura advertência recebida do Tenente-Coronel e já faz alguns meses desde a constatação de que sua ideologia não é a mesma adotada pelos seus superiores. Ser eficiente não é o bastante; é preciso ser cruel e quase sempre desumano, sem respeito aos pensamentos dos seus adversários. É necessário fechar os olhos às inúmeras vidas ceifadas para a sustentação do regime. A lei e a ordem são impostas, e não devem ser discutidas. Ele pensa em tudo o que aconteceu até aquele momento, inclusive num último diálogo que teve com sua esposa ao sair de casa.

— Por que você quer deixar o trabalho agora? Sempre foi assim — dizia a esposa.

— Não quero mais fazer parte disso. Perdi a confiança, o entusiasmo...

— Está exagerando. Acha que vão aceitar a sua saída? Você ajudou a construir esse regime.

— Não acredito nisso...

— Você sabe de muita coisa. Será que não é perigoso um afastamento?

— O que você está falando? Acha que eu me tornaria um rebelde?

— Meu pai disse que você anda perturbado.

— Seu pai não sabe de nada!

— Meu pai o colocou dentro do DOPS, você devia reconhecer isso, mas... Quer saber? Acho melhor nos afastarmos. Você não é mais a mesma pessoa que conheci. Quer voltar a ser um advogadozinho de porta de cadeia, vá em frente, eu não nasci pra ser esposa de fracassado.

O agente interrompe suas divagações e, como sempre faz, entra na antessala sem bater. Em instantes, a secretária o anuncia e ele adentra a sala principal. Há mais dois militares ao lado do Tenente-Coronel. Não é preciso olhar as patentes para saber que são do alto escalão.

— Tenente-Coronel... Senhores... O que é isso? Uma corte militar?

— Tenente, por favor, sente-se — pede em tom firme o oficial.

— Senhor, não creio que o incidente com o Lima tenha sido tão...

— Esqueça o incidente. Temos uma nova situação. Talvez seja a oportunidade de você consertar um pouco as coisas. O major Elias irá explicar tudo.

— Pois bem, tenente Oliveira. O fato é que estamos lidando com um problema, digamos, delicado. Uma missão diferente daquelas a que você está acostumado.

— Senhores, talvez eu não seja a pessoa indicada... Estou meio confuso...

— O Tenente-Coronel nos afirmou que você é o melhor agente deste departamento. Vimos sua ficha e ela é realmente impecável.

— Na verdade, vim aqui esta manhã decidido a pedir a minha...

— Tenente, por favor, só nos ouça. Vou prosseguir com a explanação. Primeiro entenda o problema.

— Tudo bem, prossiga então.

— Há alguns dias, no interior do Estado, mais precisamente no Triângulo Mineiro, próximo ao rio Paranaíba, aconteceram alguns assassinatos de maneira muito parecida, o que leva a crer que se trata do mesmo autor. Sem roubo, sem rixa com as vítimas...

— Um assassino em série? Não é muito comum por aqui.

— Isso mesmo. As duas últimas mortes abalaram de vez a população. A polícia local não conseguiu resolver o caso e o clima de pânico tomou conta das pequenas cidades principalmente. O prefeito de uma delas é um antigo colaborador e pediu a nossa intervenção. Tudo parou por lá, ninguém sai às ruas, ninguém vai ao trabalho...

— E os senhores querem que eu investigue? Isso não é um caso para a polícia?

O Tenente-Coronel volta à conversa:

— Oliveira, acho que você ainda não compreendeu a dimensão do problema. Preciso de alguém nosso lá. Isso pode ser maior do que parece e as autoridades locais não têm ideia de como lidar com a situação.

O Major intervém.

— Uma investigação mais elaborada, é o que estamos propondo. Você terá o comando absoluto de tudo e, além do mais, sabemos que você veio daquela região...

— Senhor, com todo respeito, eu era criança quando vim para a Capital, não me lembro de nada...

O Tenente-Coronel insiste.

— Esse afastamento será bom para você. Olhe ao seu redor... É disso aqui que está cansado. Todos nós estamos. Uma volta às suas origens pode lhe fazer muito bem.

— Senhores, estava disposto a pedir o meu afastamento, uma mudança de setor, quem sabe... Em vez disso, querem que eu vá para o meio do mato caçar um bandido comum. Está mais parecendo uma punição.

O Major coloca a mão sobre o ombro do agente.

— Tenente Oliveira, é uma causa nobre ajudar essas pessoas, não é isso que você procura no regime? Justiça? Antes de tudo, o senhor é um soldado, um bom soldado. Irá nos representar lá. Vou esclarecer mais uma coisa: nosso País está passando por um momento complicado. Essa é uma boa oportunidade de acalmar os ânimos, trazer a opinião pública para o nosso lado. Espera-se de nós uma atitude e vamos responder à altura. Você não anda lendo os jornais? O caso repercutiu nacionalmente. Estamos em cheque.

Nesse instante, a secretária interrompe a reunião, chamando o Major.

— É de Capinópolis. Diz ser o prefeito e pede urgência.

— Obrigado. Atendo daqui... Alô, Alberto? Já estamos montando uma equipe... O quê?

O Major faz uma pausa, troca mais algumas palavras e desliga.

— O que houve, senhor?

— Aconteceu outro assassinato!

— Oliveira, não temos tempo pra pensar.

— Não estou certo ainda...

— O avião parte amanhã mesmo. Ordeno... Quero dizer, peço que se apresente.

— Não tenho uma segunda escolha, certo Coronel?

— Infelizmente não. Não desta vez.

— Eu precisava lhe falar sobre a Beatriz...

— Minha filha já falou comigo Oliveira. Não se preocupe com isso agora. Quando você voltar, as coisas se ajeitam. Vá para o Triângulo. Vamos disponibilizar tudo que você precisar. Com a sua experiência vamos resolver esse caso em dois tempos.

Oliveira sai da sala atônito com tudo que ouviu e parece não assimilar os fatos. Ele entra no elevador ainda pensando em achar uma alternativa para recusar a missão. Inventar uma doença, ou qualquer coisa que possa livrá-lo desse destino.

A porta do elevador começa a se fechar quando uma mão a interrompe. É o agente Lima que chega apressado. A porta se fecha lentamente, enquanto Lima encara Oliveira com o mesmo olhar sarcástico.

— Enfim, uma missão à sua altura, não é mesmo Oliveira? Perto dos caipiras que você tanto gosta...

O elevador chega ao térreo e a porta se abre lentamente. No canto, caído desajeitadamente, desmaiado e com o nariz sangrando está o agente Lima. Oliveira observa, calmamente, as pessoas assustadas do lado de fora da cabine. Todos se entretolham curiosos.

— É melhor chamar um médico, acho que ele bateu com a cara na porta. — comenta Oliveira em tom irônico.

Ele ajeita a gravata e sai do prédio com um sorriso no canto da boca. Sua decisão está tomada.

O COMEÇO DE UMA NOVA VIDA

O avião militar pousa no aeroporto de Uberlândia, às duas horas da tarde do dia seguinte, levando o Tenente Oliveira. Um pelotão de 20 homens, liderado pelo Sargento Leônidas, esperava por ele. O grupo segue viagem de 140 quilômetros em direção a Capinópolis num caminhão e três jipes do Exército. Oliveira observa a paisagem passando apressada ao lado de sua janela. A missão nada tinha a ver com o universo que deixava para trás; não estava em seus planos e somente iria atrasar o começo de uma nova vida que já estava resolvido a trilhar.

— O senhor já esteve por estas bandas? — o sargento interrompe seus pensamentos.

— O quê? Desculpe-me, estava distraído.

— O senhor conhece estas bandas do Brasil?

— Não. Quer dizer... Há muito tempo... Nem me lembro...

— Falaram que o senhor é um “expert” pra achar bandidos.

— Não acredite em tudo o que ouve, Sargento.

— Pelos boatos, não será fácil.

— O terreno será diferente do habitual: mato, brejo, capoeira... Isso dificultará as operações.

Após uma pausa, Oliveira inverte os papéis. É sua vez de perguntar:

— Há quanto tempo está no Exército, Sargento?

— Eu? Cinco anos. Estou há cinco anos na Corporação.

— Por que quis ser militar?

— Uai, meu pai era militar... Eu nunca me vi fazendo outra coisa. Por que, Tenente?

— Por nada. Deixa pra lá... Falta muito pra chegarmos?

— Agora falta pouco.

Em seu íntimo, Oliveira tentava entender a sua decisão de pertencer ao Exército. Sem muita disposição para outro diálogo, ele abre um bilhete que estava em seu bolso. Dentro do papel dobrado, uma aliança e um pequeno texto manuscrito: “Não estou preparada para isso. Desculpe-me, vou para a casa de meus pais. Beatriz.”

Ele se vira e cochila na sacolejante boleia.

O sol acabava de recolher seus últimos raios no horizonte. As casas da cidade de Capinópolis grudavam-se umas às outras pelo abraço cada vez mais apertado da escuridão. Esse é o limite para o “toque de recolher”. Ninguém mais se atreve a sair às ruas e o medo tem uma aura tão densa que pode ser tocado. O vento que murmura nas árvores ganha um tom sombrio e a imaginação dos menos esclarecidos parece ouvir vozes.

Em uma das casas, no limite da cidade, a porta já havia sido fechada e uma tranca de madeira apoiada em duas barras de ferro nos lados da parede reforçava a proteção. Um homem assustado pede silêncio para as filhas que brincam na sala à luz de uma lamparina.

— Shh! Quietas! Que barulho é esse?

As meninas se entreolham e a brincadeira dá lugar ao pânico. Uma delas inicia um choro e corre para o colo da mãe. O homem observa, por uma fresta da janela, o clarão dos faróis de um grande veículo se aproximando.

— Calma gente, é um caminhão que tá chegando.

— Aqui nessas bandas?

— Muié, cê num vai acreditar. É do Exército.

A já aguardada comitiva adentra o pátio da prefeitura. O prefeito, alguns de seus assessores e o delegado formam o comitê de recepção.

— Seja bem-vindo, senhor Tenente. Sou o prefeito Alberto Campos. Estamos muito satisfeitos com a sua presença em nossa cidade.

— Obrigado. Pretendemos resolver a questão o mais breve possível.

— Não temos dúvida disso. Este é Cipriano, nosso delegado.

— Pronto pra ajudar, Tenente.

— Conto com isso.

O prefeito volta a falar.

— Reservamos o salão ao lado da prefeitura para a acomodação dos seus comandados, mas o senhor vai ficar hospedado em minha casa, se não se importar. É logo ali.

— Agradeço a cortesia, senhor prefeito, mas para o bom andamento das operações devo ficar ao lado dos meus soldados.

— Bem, nesse caso, venha fazer as refeições com a gente sempre que puder. Hoje sua presença no jantar é indispensável. Agora vão se acomodar, sei que devem estar exaustos da viagem.

Depois de um banho, Oliveira se apresenta na sala de refeições da residência de Alberto Campos.

— Sente-se, senhor Tenente. O jantar será servido em instantes. Cipriano é nosso convidado. Vai nos ajudar a colocá-lo a par da situação.

— Obrigado. Ninguém nas ruas, pelo que observei.

— Estamos realmente temerosos. O último que se arriscou um pouco morreu. Era um tal de João Campos. Levava seu gado pra pastar nos arredores da cidade.

— O pior foram as duas mortes antes dessa. Uma verdadeira loucura! — completa o delegado.

— O terror se espalhou por toda a região — esclarece o prefeito. — Em Canápolis e Centralina, centros vizinhos daqui, as escolas estão fechadas e o comércio praticamente parou. O prejuízo é inevitável.

— Hum!

— Por aqui é a mesma coisa. Talvez pior. Desde ontem começaram a chegar alguns camponeses que abandonaram suas terras em busca de segurança. Estamos arrumando abrigo, por enquanto. Mas se aumentar a demanda...

— E não há pistas do assassino? — pergunta Oliveira, voltando-se para Cipriano.

— Todas deram em nada. Ele desaparece misteriosamente e reaparece depois em outro lugar. Coisa do diabo!

— E nenhum suspeito?

— Ninguém sabe direito como ele é. Dizem ser uma estranha figura de braços longos, olhos vermelhos e cabelos sujos. Hoje à tarde prendi um suspeito com essas descrições. Falam também que é um negrinho baixo e mal-encarado, coisa de nada. Não acreditei.

— Disse ter um suspeito...

— Isso mesmo. Na verdade, eu o prendi mais para a segurança dele mesmo. Tenho quase certeza de que não se trata do nosso homem, mas a comoção da turba estava alterada. Aí prendi o coitado sem nenhuma prova. Ele está à sua disposição na cadeia.

— Amanhã cedo falaremos com ele.

— O jantar está chegando, e minha filha também — sorri o prefeito.

Oliveira volta os olhos para a escadaria que dá acesso aos quartos e não pode disfarçar um leve sorriso. Cecília chegava usando um vestido azul solto no corpo até os joelhos, suspenso apenas por duas alças presas aos ombros. Um olhar verde-claro parecia voltado em sua direção. O tenente levanta-se, afastando a cadeira. Alberto Campos faz a apresentação:

— Minha filha Cecília...

A moça sorri, afasta os cabelos dos olhos e estende a mão ao visitante.

— Prazer, Tenente. Sempre tive curiosidade pra saber como são os militares.

— Nada de especial. Nem uniforme eu uso — responde Oliveira, apertando a mão da moça.

— Não é bem assim — sorri mais uma vez Cecília, beijando o pai e sentando-se ao seu lado.

— E aí, Cipriano?

— Tudo bem, moça bonita.

— Não tive um filho — diz Alberto. — mas Cecília nunca me deixou perceber essa falta. Está sempre comigo, é meu braço direito na prefeitura. Se fosse homem, ia ser político, como eu.

Oliveira faz um breve comentário.

— Mas quem sabe o País não mude um dia e as mulheres possam enfim assumir algumas cadeiras no poder?

— Mulher na política? — o delegado comenta em tom debochado — Já pensou, prefeito? Uma mulher no lugar do General? Isso nunca!

Todos na mesa riem exageradamente. Oliveira e Cecília se encaram por alguns segundos.

Os pratos são colocados à mesa. O prefeito volta a falar:

— Você deve estar se perguntando sobre minha esposa... Foi acompanhar um tratamento médico da mãe em Uberlândia. Com o aparecimento desse louco na região, já propus levar Cecília para lá também, mas ela aprendeu a me desobedecer há algum tempo. Apesar de ter se formado na Capital, ela insiste em ficar aqui neste fim de mundo — complementa o prefeito num sorriso.

— Não iria deixar meu pai sozinho, ele é muito bom em política, mas sem mim, não encontraria os próprios sapatos nesta casa. — responde a moça, voltando os olhos para o militar — E agora não há mais necessidade. O Tenente está aqui para nos proteger.

Oliveira sorri e Cipriano faz uma brincadeira, erguendo-se para alcançar a travessa de carne.

— Isso se ele conseguir pelo menos avistar o inimigo. Dizem que é uma assombração e por isso não pode ser visto — e dispara uma sonora gargalhada.

— O medo e a simplicidade da população fazem surgir esses comentários — diz Oliveira. — Essas mortes certamente devem ser creditadas a algum desequilibrado mental.

— Então o maior suspeito passa a ser o comunista. Já vieram me alertar sobre ele — completa o delegado.

— Comunista? Quem é?

O prefeito responde:

— Certo professor que comprou, recentemente, uma pequena fazenda na região. Um torrão apenas. Mas isso é conversa de camponês que não tem o que falar.

Servindo salada ao pai, a moça esclarece:

— Ele é apenas excêntrico, não é assassino.

— Por que o chamam de comunista?

— Dizem que veio fugido pra cá. Maldade do povo.

— Quero conhecê-lo, se for possível.

— Mas querem saber? — comenta o delegado — Esse assassino não é gente daqui, disso eu tenho certeza.

Como previsto, a conversa durante o jantar gira em torno dos homicídios. No final, Cecília se despede e sobe as escadas em direção ao seu quarto. Oliveira nota que o último olhar da moça foi para a grossa aliança em sua mão esquerda. A missão que viera cumprir talvez não seja tão ruim como imaginara.

LINCHAMENTO

O dia amanhece chuvoso, com trovões rugindo na direção do rio Paranaíba. Na mesa do café da manhã estão Oliveira, o prefeito e um dos vereadores da cidade. Cipriano chega naquele momento, enxugando-se com um lenço.

— Desculpem o atraso. Hoje amanheceu tudo ensopado.

— É sempre assim?

— Mais tarde melhora um pouco — diz o delegado.

— Nenhuma notícia de mortes? — indaga o prefeito.

— Até agora não. Deixei o Mané por lá. Qualquer coisa ele avisa. E aí, Tenente? Por onde começam as investigações?

— Ontem você disse que tinha fotos dos crimes.

— Ah, sim. Estão aqui.

O delegado coloca as fotos sobre a mesa. As imagens eram horríveis. Oliveira observa cuidadosamente, sem dizer uma palavra. O silêncio é respeitado.

— Gostaria de visitar os locais dos crimes.

— Eu o acompanho pessoalmente.

— Obrigado, senhor delegado.

— Por qual começamos?

— Pelo último.

Subitamente, um policial adentra a sala, gritando.

— Cipriano, Cipriano! Mané tá chamando!

— O que aconteceu? Por que essa pressa toda?

— A coisa tá feia lá na delegacia. O povo tá querendo linchar o suspeito.

— Vixe! O que deu neles? Tô indo lá.

Oliveira segue o delegado.

— Vou com você.

— Obrigado, Tenente.

A dois quarteirões da prefeitura, uma multidão em polvorosa cercava a delegacia. A notícia de que um suspeito estava detido havia se espalhado e um grande número de pessoas exigia justiça imediata. A maioria estava armada de revólveres e espingardas, mas podia se ver também algumas foices erguidas no ar. Somente o cabo Manoel e um soldado para conter o avanço dos revoltosos.

— Entrega o monstro pra nós. Ele vai ver o que é bão.

— Viemos pegar o homem. Queremos justiça!

Com um rifle nas mãos, Manoel tentava dialogar, guardando a entrada da delegacia.

— Calma aí, gente. O delegado tá chegando.

— Não tem conversa. Nós vai enforcá o homem.

As duas autoridades chegam naquele momento. O delegado se coloca ao lado de seus colegas.

— O que deu em vocês, gente? Aqui ninguém é de confusão.

— Sai da frente, Cipriano.

— Nada disso. O suspeito tá sob a minha guarda. E se ele não for o assassino?

— Nós descobre se é ou não agora mesmo.

— Pega ele!

— Vamos invadir, pessoal!

A sede de vingança era enorme e o cerco foi apertado. Nesse instante, um tiro é disparado para o alto, contendo o avanço da multidão. Era Oliveira que se pusera à frente dos policiais.

— O delegado mandou recuar e eu repito a ordem. Vão embora imediatamente!

O tom firme da voz quebra a euforia e coloca a calma necessária à situação. O tenente volta a falar, guardando o revólver no cinturão.

— Acalmem-se todos, isso não é uma caça às bruxas. É um problema real que eu vim resolver.

— E quem é você, moço? Paletó e gravata não assusta a gente, não.

Cipriano se adianta, fazendo a apresentação.

— Este é o Tenente Oliveira, agente do DOPS de Belo Horizonte. Veio caçar o Matador.

Um murmúrio de surpresa percorre a multidão. Olhares de incerteza são trocados. O oficial aproveita aquele momento de indecisão.

— Nunca deixei de cumprir uma só missão a mim confiada. Em pouco tempo o assassino estará atrás das grades.

— E por que devemos confiar em suas palavras? — bradou um dos revoltosos, erguendo o cano da espingarda em direção ao homem.

— Não peço a sua confiança, mas um bom motivo já está à sua volta.

Todos olham para trás e se veem cercados por 20 soldados uniformizados e de armas em punho.

— Voltem para suas casas! Não esperem nova ordem.

Rapidamente como se formou, a multidão se dispersa. Cipriano toca o ombro de Oliveira.

— Obrigado. Não sei o que aconteceria se o senhor não estivesse aqui.

— Vamos aproveitar e interrogar o causador desse tumulto.

Ao entrar na delegacia, eles se encaminham para a pequena cela que abriga o suspeito. Um mulato de estatura baixa e cabelos desgrenhados está de costas e parece chorar copiosamente.

Bastaram alguns minutos de conversa para Oliveira perceber que, além da aparência descrita, o homem nada tinha a ver com os assassinatos. Aos prantos e suspirando muito ele fala ao tenente:

— Seu polícia, eu vim só procurá trabaio. Num sô bandido não. Meus documento tão tudo aí. Pode vê, tenho muié e fio pra criá...

— Pode liberar, delegado. Ele é meio estranho, mas é inofensivo.

— Não é bom que ande por aí agora...

— Mandê levá-lo a uma cidade mais próxima. Falem pra ele tomar um bom banho, fazer a barba e cortar o cabelo. Uma roupa limpa também vai tirar essa má impressão.

— Vou mandá-lo para Canápolis. São pouco mais de 40 quilômetros daqui e lá os ânimos parecem estar menos alterados.

NA PISTA DO DEMÔNIO

Após o episódio, acompanhado pelo delegado, o sargento e alguns soldados, pouco a pouco, o tenente vai conhecendo a trajetória do criminoso e ouvindo as poucas testemunhas. Apesar da chuva fina que ainda cai, em cada lugar ele observa os detalhes com o máximo de atenção. Vasculha cada centímetro ao redor em busca de uma pista, um leve indício que possa levar ao assassino. Num certo momento, ele se abaixa próximo ao local onde fora encontrado o corpo de uma das vítimas. Uma botina velha caída no vão de um amontoado de pedras chama sua atenção.

— Hum! Provavelmente o nosso homem agora está usando um par de botas novas ou está calçando apenas um dos pés.

Nesse momento, no meio da mata, um corpo franzino, porém forte, sobe numa árvore alta buscando uma boa visão do lugar. A certa distância avista os indícios de uma presença humana. Um leve fiapo de fumaça revela, possivelmente, a existência de uma cabana. Com os olhos fixos naquela direção, ele se deixa cair em devaneios. Por instantes se recorda de

sua morada rente ao matagal, seu pai, sua mãe, seus irmãos menores, os passeios de mula... Tudo se foi. Tudo está muito distante. Seu pensamento, repentinamente, é interrompido pelo latido de um cachorro.

— Um caçador!

Ele sabe de onde vem o som e é pra lá que ele vai. Com incrível rapidez, desce da árvore e volta os grandes olhos arregalados numa certa direção. Começa ali uma caminhada que irá levar, outra vez, a um desfecho imprevisível, inimaginável.

A noite chega. Alguns soldados da corporação fazem uma ronda pela cidade na tentativa de acalmar os habitantes. O imponente uniforme e o pesado fuzil junto ao corpo, se não trazem tranquilidade, certamente despertam inúmeros comentários.

— Veja que elegância! Os “milico” são mesmo extraordinários!

— É. Acabou a corrupção no País. Eles sabe o que faz.

— Os comunista pia fino com eles!

No galpão dos soldados, feito base para as investigações, Oliveira repassa ao grupo os resultados da primeira busca e as providências para o dia seguinte.

— Então, até agora, só temos uma bota velha? — brinca o sargento.

— Não, não é só a bota — sorri o tenente. — Olhem este mapa aqui. Nosso homem está nas redondezas.

O pequeno papel é estendido sobre uma das mesas. Com uma caneta, Oliveira vai marcando o local de cada crime.

— Esses são os lugares por onde ele passou. Só não chegamos nesse mais distante. Talvez nem seja preciso ir lá. O importante é que, pela leitura do mapa, os crimes têm uma ordem que marcam uma rota. Ele parece saber para onde está indo. Pelos meus cálculos, observando o intervalo de tempo entre as mortes e a direção prevista... — Oliveira coloca o dedo num ponto do mapa — ele pode estar bem aqui.

Naquele instante, chega Cipriano.

— Apareceu na hora, seu delegado. O que tem aqui nesta região?

— Bem, está longe da estrada. É uma mata fechada por onde corre o rio Tijuco. Há alguns ribeirinhos, talvez até já abandonaram suas casas.

— É, pela estrada ele não vai, seria óbvio demais — comenta o sargento.

— Amanhã cedo faremos três patrulhas compostas de cinco soldados cada. Eu lidero uma; o sargento e o cabo, as outras duas. Iremos com os jipes até onde der para ganhar tempo. Será a nossa primeira investida contra esse maníaco.

— Vamos torcer para ser a última.

— E os outros soldados?

— Ficam aqui aqueles que fizerem a última ronda da noite.

— Posso acompanhá-lo mais uma vez, Tenente?

— À vontade, delegado.

Conforme planejado no dia anterior, as três equipes seguem até o ponto marcado no mapa.

— Aqui nos separamos. Vamos percorrer esse espaço em busca do nosso homem — Oliveira aponta o mapa mais uma vez.

— Sem se aproximar do rio...

— Isso mesmo. A rota indica que ele está contornando a cidade. Quem achar alguma pista, dê o sinal combinado. Vamos lá e com cuidado. Não sabemos com que tipo de maluco estamos lidando.

A ausência da chuva naquele dia facilitava o trabalho, mas o tempo continuava sombrio e úmido com o sol embaçado pelas nuvens carregadas que podiam desabar a qualquer instante. As equipes se locomoviam com tranquilidade apesar da mata fechada. A intenção inicial era descobrir qualquer indício da passagem do assassino: pegadas, mato cortado ou algum rastro de acampamento. Após cinco horas de intensa busca, dois tiros são disparados para o alto.

— O sinal! Possivelmente da patrulha do sargento. Vamos para lá.

Quando Oliveira e o delegado chegam, as outras duas equipes já estão em volta de uma cabana. Todos estão apavorados.

— Ele passou por aqui, Tenente. E deixou mais uma vítima.

Adentrando ao local, o agente avista um homem morto escorado numa das paredes. Vários utensílios domésticos estavam espalhados pelo chão e um fogão ainda queimava um restante de lenha.

— Era um caçador.

— João do Mato, todos o conheciam por aqui, famoso pela coragem nas caçadas — ratifica o delegado. — Às vezes, ficava meses no meio do mato sem falar com ninguém. Provavelmente, não sabia das notícias.

Com cuidado para não apagar os vestígios, Oliveira tenta entender a história.

— Ele foi morto lá fora e arrastado para cá.

— O maluco deu sorte. Além de tudo ainda achou comida.

— É, e pelo que indica passou a noite aqui. Claro, não havia melhor lugar.

— Mas por que ele trouxe o homem para dentro?

O tenente observa mais uma vez em volta do cadáver, franze a testa, se abaixa parecendo querer ver a cena que se desenrolou. Um silêncio sepulcral se faz. É possível ouvir a respiração de cada um e até os batimentos cardíacos dos mais amedrontados. Enfim ele fala:

— Ele se sentiu sozinho, queria uma companhia para passar a noite. Talvez conversar...

— Mas, um morto? Isso é muito esquisito.

— Pois é. Observem o terreno aqui deste lado. Antes de ir para aquele velho colchão ali no canto, ele se deitou no colo do cadáver.

— O homem é corajoso.

— É maluco! Isso é o que ele é!

— Vamos ver onde ele matou o caçador.

O local foi logo encontrado. Nas imediações havia uma espingarda e um cachorro morto a golpes de facão.

— Ele não levou a arma; só queria a munição.

— Vamos, gente, procurem a pista desse assassino! Quero cada pegada, cada sinal no chão, nas árvores, nada é sem importância — ordena energicamente Oliveira.

Em instantes, um dos soldados encontra as pegadas.

— Aqui, Tenente. Parece que ele tá sem uma bota.

— Eu já esperava por isso. Vamos lá. Ele tem uma boa vantagem, mas podemos alcançá-lo.

No terreno molhado pela chuva dos dias anteriores, a pista não se perdeu. Os passos apontavam para o lado do rio. Depois de uma hora de caminhada, chegam a um areal.

— Agora a pista ficou bem visível. Podemos ir mais depressa. Vamos agarrar o patife.

— Ele realmente tem um pé descalço. Olha aqui.

— Vamos em frente, passo acelerado — ordena o sargento. — Abram um leque. Distância de cinco metros.

Na iminência de alcançar o assassino, os soldados avançam de arma em punho. A nítida pista levava até aos pés de uma grande árvore onde desaparecia misteriosamente.

— Fiquem onde estão. Não confundam os rastos.

O tenente aproxima-se da árvore.

— Não estou entendendo. Os passos acabam aqui. Não há mais sinais de sua passagem.

— Então ele subiu na árvore.

— Não há indícios. Nenhum galho quebrado, nem arranhões no tronco. Ele simplesmente desapareceu.

— Vamos procurar direito — grita o sargento. — Espalhem-se.

Por exaustivos minutos, os soldados procuram em vão por todos os cantos do areal. O sargento retorna encontrando Oliveira ainda olhando para o alto da árvore.

— Ele não saiu daqui, Tenente. É areia em volta. Não há como esconder as marcas.

Seu superior respira fundo.

— Temos que admitir. Ele nos enganou.

— Parece coisa de feitiçaria — comenta o delegado. — Como pode desaparecer assim de repente?

— Vamos seguir por mais uma milha. Se nada encontrarmos, voltamos à base.

Antes de ir embora, Oliveira retira um canivete do bolso e faz um X, no tronco da árvore. Um estrondoso trovão rompe o ar parecendo uma gargalhada nefasta. A chuva começa a cair.

BRIGA DE

CACHORRO GRANDE

As patrulhas retornam à tardezinha, trazendo na bagagem o corpo do caçador, levado direto para a delegacia. À noite, Oliveira comparece à casa do prefeito.

Na grande área, antes do jantar...

— Então o homem conseguiu escapar?

— De forma incrível, senhor prefeito. Estava prestes a cair em nossas mãos e desapareceu de repente. Seus rastos chegaram até os pés de uma árvore e sumiram como por encanto.

— E agora, o que fazer?

— Vamos em busca de uma nova pista. Ela vai aparecer. E por aqui? Alguma novidade?

— Chegaram novos camponeses e se amontoaram na porta da igreja. Cecília os levou para uma escola onde não está havendo mais aula.

O tenente olha em volta.

— E onde está sua filha?

— Já vai descer. Ficou até mais tarde acomodando os camponeses. Cuida deles como se fossem da família. Enquanto esperamos, diga aí o que os seus comandados estão achando das instalações...

— Perfeito! Camas e banheiros suficientes. E as refeições sempre na hora. O assessor que o senhor designou para nos atender é muito competente. Se não se importar, vou telefonar para a Capital e passar o relatório do dia.

— Sem nenhum problema, use o telefone da sala, Tenente.

Cecília aparece desta vez com um vestido branco e um laço amarrado na cintura. Oliveira recoloca o fone no gancho e observa.

— Notei a sua ausência ontem no jantar, Tenente.

— Pode me chamar de Oliveira. José de Oliveira ou José – diz o desconcertado Tenente.

— Obrigada... Oliveira ou José... – Cecília sorri.

— Nem sempre será possível desfrutar da companhia de vocês. Hoje mesmo, se não tivéssemos perdido a pista do assassino, iríamos passar a noite na floresta.

— Neste tempo de chuva?

— Estamos acostumados à dureza. Aliás, posso afirmar que aqui estamos num verdadeiro paraíso.

O homem pronuncia as últimas palavras olhando nos olhos claros da moça. Ela sorri.

— Obrigada. Mas agora vamos jantar. Deve estar com muita fome.

Na manhã seguinte, Oliveira vai à delegacia e convida Cipriano para uma volta na cidade.

— O que pretende, Tenente?

— Quero falar com as pessoas. Talvez não leve a nada, mas pode aparecer uma pista.

— Vamos lá, então.

Pelas ruas de Capinópolis, Oliveira pôde constatar a dimensão do problema que se abateu sobre a região. Lojas e escolas fechadas. Poucas pessoas nas ruas, apesar da presença da polícia. O medo realmente passou a fazer parte do cotidiano de todos por ali. Algumas janelas se abriam para ver passar o homem designado pelo Exército para acabar com aquele terror. Oliveira conseguiu conversar com dois homens que descreveram o assassino como um sujeito alto, forte e de barba comprida. De acordo com o relato, eles foram perseguidos, mas conseguiram fugir. Ao virar uma esquina, avistaram o armazém de Ezequiel que, ao contrário do restante da cidade, estava bem povoado.

— Que lugar é aquele? Parece que ali ninguém está com medo.

— É o armazém do seu Ezequiel. Tem quase de tudo. E muitas fofocas também.

— Vamos lá.

As pessoas que se encontravam no local abriram passagem para as duas autoridades. Atingindo o balcão, Cipriano se volta e diz:

— Pessoal, como todos já sabem, este é o tenente Oliveira. Foi encarregado do caso e vai nos livrar desta situação.

O oficial toma a palavra.

— Bom-dia, senhor Ezequiel. Bom-dia a todos. Não vim aqui fazer discursos. Digo apenas que espero ser bem-sucedido nesta tarefa confiada ao Exército.

Um dos presentes comenta:

— Se me permite dizer, Tenente, o senhor já perdeu a primeira batalha...

Oliveira esboça um sorriso.

— O senhor está correto na afirmação. O assassino conseguiu fugir diante de nossos olhos. Mas é como vocês dizem por aqui: um dia é da caça, outro do caçador.

— O problema é saber quem é que tá caçando quem — comenta um senhor virando um copo de cachaça.

Outro homem se aproxima e diz:

— Não é de admirar ele ter escapado. Esse monstro tem parte com o demônio. Quando é perseguido, se transforma em um toco ou um cupim pra despistar as autoridades.

— Bem, agora acho que estamos exagerando — alerta Oliveira.

— O senhor tá chegando agora, Tenente. Tenha cuidado com o inimigo!

— Obrigado pelo aviso, meu senhor. Estarei sempre alerta.

O oficial troca mais algumas palavras com os presentes e se despede.

— Bem, vamos trabalhar. Bom-dia, senhor Ezequiel. Conto com vocês se acaso descobrirem alguma pista do assassino.

— Bom-dia, senhor Tenente.

Ao chegar à porta, uma voz os detém.

— Aqui ninguém quis falá, Tenente, mas nós acha que o bandido é o comunista.

— O comunista? O professor?

— Ele mesmo. Veio comprá munição pra disfarçá, mas some pra sua fazenda e nunca tá aqui quando morre alguém. O monstro só pode ser ele.

— É uma afirmação dura, amigo.

— Só tive coragem de dizê o que todo mundo pensa.

— Tudo bem. Vou tirar isso a limpo.

Na volta, Oliveira passa na prefeitura. Alberto o recebe. O motivo de sua presença revela-se banal. Quem sabe foi mesmo ver Cecília.

— Pretendo visitar o professor em sua fazenda. Preciso de alguém que conheça o caminho.

— O próprio delegado poderá ajudá-lo — diz o prefeito.

— É melhor eu ficar na cidade. Uns engraçadinhos já tentaram invadir uma das lojas fechadas — justifica Cipriano.

— Nesse caso vou designar alguém para acompanhá-lo.

De repente, uma voz feminina se faz ouvir na porta da sala.

— Se o senhor permitir, eu mesma acompanho o tenente, pai. Sei onde fica a fazenda.

Todos se voltam na direção.

— Bem, eu preferia que não se ausentasse da cidade, mas já que estará em companhia do tenente...

— Em minha companhia e de meus soldados.

— Autorizados, então.

Um sorriso é trocado.

Por volta das 13 horas, dois jipes deixam a cidade. O tenente Oliveira dirige o primeiro veículo tendo ao lado a sorridente filha do prefeito. O cabo e mais três soldados seguem o

casal que, poucos quilômetros à frente, deixam a estrada principal e entram numa outra mais estreita e cheia de buracos. As poças de água das últimas chuvas dificultam o trajeto. A pouca velocidade empreendida dá tempo para uma boa conversa.

— A direção, se não me engano, é a do rio Paranaíba — diz Oliveira.

— Isso mesmo — responde a moça, voltando-se para o militar. — Na verdade, o rio fica bem distante. É só a direção.

— Qual é o nome do professor?

— Francisco, mas ninguém o chama assim.

— E como ele é?

— Bem, é praticamente desconhecido pra nós. Veio há pouco pra região. Tem sua maneira própria de ser. Não se envolve com as pessoas, somente as necessárias como seu Ezequiel do armazém onde faz compras. Apesar do seu jeito de poucos amigos, é sempre educado ao passar pela prefeitura. Não me parece ser um assassino. Você desconfia dele?

— Inicialmente, todos são suspeitos. Mas, se você me afirma que ele não mata as pessoas, eu acredito.

— Eu também estou na sua lista de suspeitos? — graceja Cecília.

Deixando apenas uma mão no volante, o homem toca a mão da moça deixada displicentemente sobre sua perna esquerda.

— Você é a criatura mais doce de todo o Triângulo Mineiro. Seria incapaz de fazer mal a uma mosca.

Ela sorri, troca um olhar e afasta com carinho a mão de Oliveira.

— Todos os militares são sempre assim galanteadores?

— A maioria deles, pode ter certeza.

— Penso que os casados não deveriam ser — afirma a moça, apontando para a aliança na mão apoiada ao volante.

Nesse instante, um solavanco faz Cecília se segurar no acento.

— Desculpe-me, eu me descuidei com a nossa conversa.

A estrada se estreita um pouco mais e o tenente vê a proximidade do mato mudar a expressão sorridente de sua acompanhante.

— Não precisa se preocupar — explica. — Ninguém nos atacaria aqui em pleno dia. Não é esse o estilo do assassino.

— É, ele mata às escondidas.

— Exatamente. E a sede? Está longe ainda?

— Não. Logo depois daquele milharal ali. Estive aqui algumas vezes quando não pertencia ao professor.

— Nunca duvidei de que você sabia o local.

Os dois voltaram a sorrir. De repente, Cecília aponta algo.

— Olha ali! Uma cabeça de vaca na ponta de um pau.

— Já é a segunda que aparece.

Inúmeras outras cabeças de gado foram encontradas ao longo do caminho até a entrada da fazenda. E, pregados no mourão da porteira, confirmando os boatos da cidade, um enorme martelo e uma foice cruzados davam as boas-vindas aos visitantes.

— Assim, ele assusta as pessoas!

Um forte latido ecoa e, imediatamente, aparece no quintal um homem de cabelos grisalhos e barba cerrada, armado com uma espingarda. Um dos soldados se apresenta para abrir a porteira, mas o tenente o detém com um aceno. Ao lado do enorme cão, o fazendeiro

percorre, de arma em punho, os 30 metros que separam a porteira da casa. A simples caminhada no terreno lamacento parece durar uma eternidade. O encontro não é amigável.

— Vieram prender o comunista? — abre o diálogo em tom irônico, o fazendeiro.

Oliveira responde com voz austera:

— Nossa intenção não é prender, mas libertar as pessoas dessa região.

— Liberdade é uma palavra que os militares não têm direito de propagar. Repressão, perseguição e morte ficam melhores em sua boca, Oficial.

A acusação foi pesada e Oliveira se sente no dever de revidar.

— Os motivos que o fazem ter essa imagem dos militares não lhe dão o direito de expressá-la. Não se esqueça de que está diante de um tenente do Exército Brasileiro!

— E não se esqueça de que o tenente está em minhas terras, sem ter sido convidado.

O fazendeiro ergue os olhos em direção a Cecília já um pouco assustada com o desenrolar da conversa.

— O que disse não se estende à senhorita filha do prefeito. Perdoe-me — complementa com um leve aceno.

Aproveitando a pausa, a moça tenta quebrar o tenso clima.

— Professor, desculpe chegarmos sem avisar. O senhor tenente não veio prender ninguém. Veio apenas conhecê-lo.

— E buscar pistas do assassino, se as tiver — completa o oficial.

O homem abaixa a arma, toca a tranca que segura a porteira, mas se contém.

— Poderia convidá-los a entrar, mas em minha fazenda não entram militares. Só depois que derrubarem a mim e ao meu cão.

— Tudo bem, respeitamos sua decisão — responde Oliveira. — Já tivemos o prazer de conhecê-lo. Só nos resta perguntar sobre o assassino.

— Ele não passou por aqui. Se passar, eu o levo para a cidade com um tiro entre os olhos.

— Louvamos a sua coragem, mas tome cuidado. A fazenda parece não estar em sua rota, mas é melhor estar sempre atento.

— Eu tenho olhos e ouvidos que nunca dormem — diz o homem, batendo levemente a palma da mão na cabeça do cachorro escorado em sua perna esquerda.

— Tudo bem, o senhor foi avisado. Soldados! Vamos voltar.

Cecília faz um aceno de despedida.

— Quando for à cidade, passe na prefeitura, professor. Meu pai e eu teremos prazer em recebê-lo.

— Minha humilde chácara é sua. Volte outra vez quando estiver em melhor companhia — despede-se o homem.

Os jipes retomam o caminho de volta. Oliveira ainda demonstra certo descontentamento.

— Que sujeito mal-educado. Qualquer outro oficial o teria prendido!

— Não fique assim. Eu disse que ele era meio arredo.

— Ele tem muita raiva dos militares. Vou pedir em BH para darem uma investigada na vida dele...

— É... Há uma revolta muito grande em seu olhar, mas não vejo motivo para você, quer dizer, o senhor chegar a tanto.

— Ele deve ser um rebelde. Só pode ser isso, pra ele nos receber tão mal assim.

Após uma breve pausa, Cecília volta a falar:

- E quanto à ideia de ele ser o assassino?
- Nenhuma possibilidade. O homem que procuramos é um psicopata. Nada a ver.
- E o que você vai fazer agora?
- Para achar o homem? Bom, preciso de outra pista, já que perdemos a primeira.

Alguma coisa mais recente.

Oliveira passa a mão esquerda pelo rosto e completa:

- Infelizmente, é quase certo que ela venha acompanhada de mais uma morte!

SANGUE

O rio Tijuco se contorce mansamente por entre o denso matagal a que pertence. É seu lugar e ele se sente à vontade para se espreguiçar em seus barrancos, como uma saudável criança em um berço, prestes a pegar no sono ao final da tarde. Plantas e animais à sua volta se aquietam, respeitando esse momento de descanso. As águas assumem tonalidades diversas pelo reflexo das nuvens róseas, sombreadas pelos rubros raios de um preguiçoso sol encoberto em mais um entardecer naquele sertão mineiro. De repente, pequenos pontos avermelhados surgem em sua superfície lisa: feridas nômade de sarampo que se formam e se desmancham no ritmo empreendido pela natureza.

Numa das fazendas banhadas por suas águas, um homem se agita com a mudança do tempo. Os primeiros pingos d'água que caem sobre o milharal indicam o momento de retornar à sede. Ele sabe que Maria, sua esposa, está sozinha e ela nunca conseguiu disfarçar o medo da chuva, principalmente quando esta vem acompanhada de ventos e trovões.

Realmente, dentro da casa, a mulher já havia se abrigado com receio de uma tempestade. A porta da cozinha estava fechada e bem segura por uma taramela. Só a janela que dava para o quintal deixava à mostra o alto das árvores agitando-se ao vento que chegava.

- E o Antônio que não volta! Ele sabe que tenho medo.

Um barulho próximo ao paiol faz a mulher desviar sua atenção, até aquele momento reservada exclusivamente à chuva. Seus olhos voltam-se para uma varanda que servia de abrigo para as criações. Um corpo esguio aparece repentinamente no local. As roupas esfarrapadas, os cabelos emaranhados e dois grandes olhos saltando do rosto arrancam uma expressão da mulher feita do mais puro espanto e terror.

- Ai, meu Deus do Céu!

Tomada pelo desespero, com o coração pulando no peito, ela fecha a janela e corre até ao quarto em busca de seu rosário.

— Me acode, minha Nossa Senhora!

Tremendo e rezando baixinho, a pobre mulher se posiciona aos pés do fogão a lenha, observando a criatura pelas frestas da parede de madeira.

Naquele momento, a horrível figura aparece rente à cobertura, com uma galinha nas mãos. O facão reluz no ar no momento em que um relâmpago ilumina o local, fazendo ainda mais macabra a cena.

— Minha Virgem Maria, me proteja.

Em completo desespero, a espectadora começa a chorar ao ver a bizarra refeição. O homem bebe o sangue da galinha ainda se debatendo. Petrificada pelo pavor, abaixa a cabeça entre as mãos, implorando uma ajuda dos céus. Nesse instante, a porta da cozinha range, forçada pelo lado de fora.

— Pelas chagas de Jesus! — exclama.

— Maria! Abra a porta, muié.

— Antônio! Graças a Deus!

A taramela é girada e a mulher se atira nos braços do ensopado marido.

— Que aconteceu, muié? Ocê tá chorando!

— Fecha a porta, Antônio. Depressa! Ele tá lá no cercado das galinhas.

— Ele quem?

— Vem aqui ver.

Pela abertura da parede, o fazendeiro constata o motivo da enorme agonia da esposa.

— É ele! O monstro que tá matando as pessoas por aí. Se eu chego do outro lado ele ia me ver.

— Nós vai morrer, Antônio.

— Vou pegar a espingarda.

Logo o homem volta à cozinha com a arma nas mãos.

— Não vai lá fora — pede a mulher. — Fica aqui comigo.

Os dois se posicionam mais uma vez ao lado do fogão a lenha. Lá fora, a chuva agora cai torrencialmente. A criatura ergue o facão mais uma vez e corta o pescoço de outra galinha. Em seguida, levanta a ave deixando o sangue escorrer em sua boca, molhando o peito. Sangue é vida, é energia para o corpo e, principalmente, para a alma. É fonte de ligação do homem com o transcendente. E o monstro se esbalda, revitaliza-se e se faz menos humano, mais próximo da criatura que o criou. Joga o corpo inerte da ave ao chão, limpa o facão na perna da calça já molhada e se embrenha no mato às suas costas. A chuva fria não incomoda; o sangue quente o protegerá por toda a noite.

— Ele está indo embora. Graças a Deus! — exclama a mulher, apertando entre os dedos uma das pedras do rosário.

NO MANTO

ESCURO DA NOITE

No dia seguinte, o tempo piora e as nuvens carregadas sobre o céu do Triângulo Mineiro desabam em chuvas constantes. Em Capinópolis, a guarnição se encontra impossibilitada de qualquer investida contra o assassino. Os soldados esperam a passagem das chuvas para a retomada das buscas. No galpão, feito posto policial, Oliveira está inquieto.

— E esse tempo que não muda! Estamos perdendo horas preciosas.

— Nos seus cálculos, ele pode estar onde agora? — aproxima-se o sargento com o mapa nas mãos.

— Se ele continuar se esgueirando para o rio, deve estar por aqui mais ou menos — aponta o dedo.

— Se me permite, Tenente, deveríamos ir à procura dele, mesmo com a chuva.

Oliveira olha, mais uma vez, o tempo lá fora através da janela.

— Na verdade, Sargento, estou esperando uma novidade, uma pista concreta. Sei que ela vai aparecer.

Confirmando a previsão do agente, o delegado chega à sede de operações logo após o almoço.

— Tenente! Venha ver.

Uma carroça estava parada defronte a prefeitura. Trazia um casal todo molhado e ainda perturbado pelas horas de angústias que passou.

— Os dois viajaram a noite toda, à luz de lanterna. Chegaram agora.

Eram Antônio e Maria, que não tiveram coragem de ficar na fazenda temendo a volta do assassino.

— Nós achou melhor vir logo pra cidade.

— Ele bebeu sangue das galinha. Coisa do diabo!

— A pista que a gente esperava! —exclama o oficial. — Sargento, mostre-me onde esse casal mora no mapa.

Imediatamente, o grupo se desloca, usando os jipes, em direção à fazenda. Apenas dois soldados ficam para a proteção da cidade.

— Agora ele não escapa — diz Oliveira ao delegado que os acompanha na caçada.

Chegando ao lugar, puderam comprovar a história narrada pelo casal.

— Ele matou cinco galinhas. E pelo jeito bebeu o sangue mesmo.

— Procurem os rastros.

— Aqui. Ele saiu por aqui.

O tempo havia se acalmado para colaborar com a busca. Uma chuva fina ainda caía, mas não dificultava a marcha dos soldados. Apenas uma densa neblina começava a se formar no meio da mata.

— Ele está mesmo seguindo a margem do rio.

A caminhada é intensa. A pista inconfundível corta a floresta. Vinte homens, de armas na mão, pisam as folhas molhadas e o mato rasteiro, atentos a qualquer movimento.

— Vamos lá, soldados. Ele não pode estar distante.

— Isso mesmo. É impossível ter andado à noite nesse emaranhado de galhos e cipós.

Infelizmente, para os perseguidores, o dia finda e a pista do assassino desaparece por completo.

— Estou começando a acreditar nessas lendas que o povo anda contando.

— Parece até que o dia escureceu mais cedo hoje!

— E agora, Tenente? Vamos passar a noite por aqui mesmo?

— Não há outra saída, a menos que... ali na frente... está parecendo uma construção.

Caminham mais alguns passos na mata fechada.

— É uma fazenda. E, pelo jeito, abandonada há muito tempo.

— A casa já caiu. Em pé mesmo só aquele velho galpão.

— Vamos lá. Será perfeito para o nosso abrigo.

A abertura de um dos lados convida-os a entrar. Várias lanternas iluminam o interior do local. O cheiro de mofo penetra nas narinas dos recém-chegados. Era um antigo depósito que, apesar da sujeira, revela-se realmente adequado para protegê-los da chuva que teima em cair. Os soldados afastam alguns troncos de madeira e se acomodam. De suas mochilas, retiram roupas enxutas e cobertas, além de um lanche preparado com antecedência.

— Ah! Agora está bem melhor. Façam uma fogueira, está meio frio aqui.

— Caramba! Esse maluco está nos dando muito trabalho.

— Escutem! Tem rato por aí. Ouvi barulho no forro.

— Vamos deixar sentinelas, Sargento?

— Dois. Revezando de duas em duas horas. E olho bem aberto! A gente não sabe do que ele é capaz. Qualquer alteração, acordem-me.

A noite faz o homem se sentir pequeno, limitado em suas ações. As trevas escondem o desconhecido, o invisível, e a habitual coragem se encolhe, dando lugar à inquietação e ao medo, até mesmo para aqueles que, no momento, denominam-se caçadores. No manto escuro da noite, um aterrador silêncio se abate sobre o galpão. São nítidos apenas o piado das aves noturnas, o rugido da onça em busca de uma presa e o ruflar das asas dos morcegos que vão e vêm descontentes com a invasão de sua moradia. Vez em quando, um leve vento traz o murmurar das águas do rio e um trovão ao longe

Postados junto à abertura, os sentinelas, escorados em seus fuzis, veem passar as sombras da noite, de um lado para o outro, esgueirando-se entre as árvores, esperando o momento certo para o ataque. Quando a lanterna se acende, mostra sempre um galho de árvore incomodado pelo vento ou um pedaço de tronco ainda não percebido na folhagem. Apesar de nada concreto acontecer, sabem eles que o perigo está próximo, muito próximo.

Finalmente, o dia amanhece. A guarnição sai de seu abrigo. Após uma ordem, os soldados se espalham em busca de uma nova pista, que logo aparece.

— Aqui, homens! Detrás do galpão.

— É ele! O mesmo pé descalço de sempre — observa um soldado. — Mas, espere aí. Tem algo errado. Chame o tenente.

Todos chegam ao local e, ao observar as pegadas, têm uma enorme surpresa:

— Estes rastros são recentes. De hoje cedo. E começam aqui nesta parede.

Oliveira ergue os olhos em direção à cobertura e exclama:

— Ele passou a noite ao nosso lado! Dormiu sobre o forro do galpão. Há marcas na parede por onde desceu. Olha aqui. Ele nos observou a noite inteira.

— É o próprio demônio! — afirma o delegado.

— Demônio ou não, vamos pegá-lo agora. Tem poucos minutos de vantagem. Em frente, soldados!

— Em grupos de cinco, mantendo certa distância — completa o sargento.

A perseguição prossegue por duas horas ininterruptas. A marcha é forçada e tudo leva a crer que, dessa vez, o assassino será alcançado. O tempo, porém, corre sem novidades, a não ser pela chuva que dá uma leve trégua e deixa o sol fustigar a tropa com a umidade sufocante e milhares de mosquitos que surgem em enxames irritantes.

— Não é possível! Ele não pode ser tão rápido assim.

Depois de mais alguns minutos, os soldados alcançam um curso de água.

— Maldição! Ele entrou no córrego. Está subindo o leito. Agora vai ser difícil alcançá-lo.

— Vamos prosseguir — ordenou o sargento. — Metade dos homens de cada lado.

O cerco estava sendo fechado. Seguiam atentamente o curso do riacho sabendo que, em algum lugar, o fugitivo teria que sair. Um pouco mais acima, várias pedras começam a aparecer junto às águas.

— Olha as pedras. Agora ficou mais difícil pra ele.

Uma clareira se desenha logo em seguida.

— Ali! Só pode ter saído por ali. Vamos conferir.

O cascalho que fugia das águas logo se misturava à terra molhada da chuva. Nenhuma pegada, no entanto, podia ser vista. À frente, dois cupins descansavam sob uma árvore, rodeados pelo capim que invadia o local.

— Então, ele desceu o córrego — arrisca um palpite, o ofegante sargento.

— Nada indica, mas mande verificar.

O próprio sargento lidera uma patrulha para fazer a conferência, enquanto o restante dos soldados espalha-se pelo mato à procura de alguma outra pista. Uma hora depois, estão todos de volta sem sucesso.

— Nada, Tenente. Parece que ele sumiu no ar.

Oliveira, que ficou esperando na clareira, tinha o olhar fixo nos dois cupins. Para surpresa dos seus comandados, saca o revólver e dispara seis tiros, atingindo e retirando pedaços dos montes de terra.

— Seu desgraçado! Eu vou pegá-lo!

Depois de mais uma longa busca pelos arredores, entendem que é inútil prosseguir a caçada.

— Não adianta. Estamos andando a esmo. Vamos voltar.

O caminho é o mesmo e, quando alcançam a fazenda abandonada, o sargento sugere um descanso.

— Quinze minutos! Não haverá outra parada.

Os soldados acomodam-se sob as árvores. Oliveira, encabulado com os últimos acontecimentos, vai até a parede do velho galpão onde o assassino desceu de manhã.

— Ele estava em nossas mãos, e o deixamos fugir mais uma vez.

Olha para o chão e avista uma pedra pontiaguda. Pega-a e marca na parede carcomida a letra X.

De frente para a parede, o tenente não observava a mata fechada às suas costas e, além, a uma boa distância, um morro destacando-se entre a folhagem. De lá, podia-se ver bem pequeno, mas nitidamente, seu porte avantajado e suas botas que subiam até os joelhos. Um inimigo valoroso, que precisava ser eliminado.

CAMUFLAGEM

É dura a lida na roça. Puxar o cabo da enxada não é tarefa fácil que pode ser executada por qualquer um. O trabalho começa cedo e é natural que o almoço acompanhe esse ritmo. Dez da manhã a fome já aperta e, se a lavoura é distante da casa, os olhos dos peões se voltam em direção à estrada, esperando a chegada da refeição. Na fazenda Capoeira, nas proximidades do rio, Chico era o encarregado de levar as marmitas ao roçado. O menino tinha 13 anos e utilizava uma bicicleta para realizar sua tarefa. Enquanto amarrava a sacola na garupa do veículo, sua mãe alertava:

— Toma cuidado, Chico. Olha dos dois lados da estrada. Seu pai devia mandar outra pessoa levar essa comida.

— Tô acostumado, mãe. Num precisa preocupar.

— Na verdade, a gente devia era ter ido pra cidade. Muita gente já foi por causa do matador.

— Até logo, mãe. Vou ficar lá um pouco depois do almoço.

Chico pedala a bicicleta com desenvoltura, alcançando logo uma boa velocidade. Como sempre, vai pensando na preocupação exagerada de sua mãe toda vez que se ausenta. Já fazia três anos que ele levava a comida na roça e nada tinha acontecido. Por ele, já estava na hora de se misturar aos peões, ajudando efetivamente seu pai. Absorto em seus pensamentos, não podia imaginar que aquele não seria um dia normal como os outros.

Na metade do caminho, parece avistar uma figura, um animal talvez, por entre a folhagem. Foi de relance, mas podia jurar que alguma coisa havia ficado para trás no meio do mato. Pedala um pouco mais forte para se distanciar, quando ouve o barulho de passos vindo em seu encalço, paralelamente à estrada, fazendo balançar as pontas dos galhos e o alto capim da beira do caminho. O susto é enorme e ele impulsiona o seu veículo o máximo que pode, tomando cuidado para não passar sobre os buracos que apareciam repentinamente à sua frente.

Depois de alguns instantes, não ouve mais os passos. Olha para trás e nada avista. Assim, tranquiliza-se um pouco e diminui a velocidade. Porém, quando a estreita estrada fazia uma curva, algo pula à sua frente, vindo do alto de uma árvore. No encontro, ele cai sobre a bicicleta. A sacola escapa, bate no barranco e uma das marmitas se abre, espalhando a comida pelo chão. Quando se põe de joelhos, pode ver o que o derrubou. Em pé, a três metros de distância, em posição de ataque, um estranho homem o observa. Uma pequena fera de roupas esfarrapadas, cabelos agitados e braços abertos em sua direção, pronta para dar o bote. Meio atordoado e sem saber o que fazer, o menino fica ali parado esperando a chegada da morte.

No entanto, para sua surpresa, o iminente ataque não acontece. Por um breve instante, a criatura ergue o corpo, volta os dois grandes olhos para as marmitas e recita um estranho monólogo:

— Pronto. Já tenho a comida. Era só isso que eu queria. O menino? Ele pode ir.

A atenção se volta novamente para Chico.

— Mas será que ele vai rir de mim? Ele é só uma criança. Sim, tem razão. Quando crescer ele vai rir de mim e do meu pai.

A transtornada figura se debate atormentada por uma voz em sua consciência.

— Não, ele não pode ir. Ninguém pode rir do meu pai. Todos vão pagar.

Aproveitando aquele momento de indecisão, o menino se levanta e se embrenha no mato. Com rapidez e agilidade, consegue se afastar. Correndo o mais rápido que pode, vai se desviando dos troncos que surgem no caminho. O medo é imenso, sabe que aquele era o

louco de quem a sua mãe tanto falava. Ela estava certa; o perigo era real e estava nos seus calcanhares. Um minuto depois, fazendo dueto com a sua ofegante respiração, o barulho dos passos surge outra vez às suas costas. Chico corre como nunca em direção à sua casa. Estava acostumado a brincar por aqueles lados; não havia alguém mais rápido que ele e, por um momento, parece ter-se livrado de seu perseguidor. Alivia-se um pouco mais, quando sai da mata espessa e alcança o capinzal da beira da estrada.

Respira fundo. Após alguns metros, poderia correr com mais facilidade. E sua casa, agora, não estava tão distante. De repente, quando se aproxima de uma moita de capim, uma foice sai do interior dela, cravando-se em seu peito. O menino não cai; fica preso à lâmina, sustentado por dois fortes braços que surgem do meio do capinzal.

O assassino estava tão bem camuflado que parecia fazer parte do ambiente. O facão foi retirado da cintura e um grito agudo e desesperado ecoa pela mata, levando a arrepiante mensagem da morte.

O MATADOR DE CUPIM

No meio da tarde deste mesmo dia, dois cavaleiros chegam, quase ao mesmo tempo, ao armazém de Ezequiel. O primeiro, homem alto e forte, trajando roupa de vaqueiro e exibindo dois revólveres pendurados na cintura. No pescoço, vários patuás, feitos de ossos e dentes de animais. Amarra o seu cavalo na cerca do lado e adentra o local, seguido pelo olhar curioso dos presentes.

— Tarde, senhores.

— Boa-tarde.

— Ouvi dizer que têm soldados na cidade, é verdade?

— Pura verdade, moço. Estão caçando o Matador. Mas, o que o senhor quer com os “milico”?

— Vim ajudar na caçada. Parece que eles estão com dificuldades.

— Isso é verdade. O senhor vem de onde?

— Do Praião.

— E como tá a coisa por lá?

— O povo tá borrando de medo. Há mais de uma semana, as famílias da região estão passando a noite num barracão. Todos juntos, amontoados feito galinhas. Mas onde posso achar o comandante? Tenho um recado pra ele.

— Ao lado da prefeitura. Ele chegou há pouco. Tinha saído ontem com seus soldados pra buscar o indivíduo, mas voltou outra vez chupando o dedo.

— Muito obrigado. Vou pra lá. Mas antes, vendeiro, me dá aí uma boa dose de pinga.

Logo em seguida, o voluntário sai, cruzando com o segundo cavaleiro na entrada do armazém.

— Tarde.

— Boa-tarde, senhor.

Era o professor. Ele entra, cumprimenta a todos e se dirige a Ezequiel:

— Quem era?

— Mais um pra caçar o assassino. Veio lá do Praião.

— Então ainda não conseguiram pegar o homem?

Um dos fregueses faz questão de responder à pergunta:

— Nada, professor. O bravo tenente só conseguiu atingir uns tocos e matar dois cupins.

— Como assim?

— É que o homem se transforma em toco ou cupim pra fugir da lei. Não ouviu falar?

— Crendices! Preciso de açúcar e sal, senhor Ezequiel. O mesmo de sempre.

— Pois não, professor. E a perua?

— Preferi vir a cavalo. Está chovendo muito.

— Fez bem. Tá perigoso atolar.

Neste instante, o voluntário chega ao galpão dos soldados. Depois de uma breve conversa com ele, o sargento vai ao encontro do tenente que saía do banho.

— Um voluntário?

— Isso mesmo, Tenente. Parece forte e falador. Disse que a mãe é benzedeira e teve uma visão do bandido.

— Visão? Mais essa. Que tipo de visão? Deixa ele entrar. Quero ouvir.

Diante do tenente, o estranho homem começa seu discurso burlesco.

— Seu Tenente, sei que os homens da Capital não têm muita fé, confesso que eu também não, mas minha mãe é uma santa mulher e acredito nela. Noite passada, ela acordou no meio da noite aos gritos. Tivemos que acalmá-la à custa de muita reza e chá de camomila. Depois de recobrar o juízo, ela falou que o matador é um enviado do inferno, com ordens do próprio satanás de espalhar a desgraça. E ainda falou que o coisa ruim só pode ser pego em água corrente e que é preciso olhar com os olhos de um morto pra enxergar o demônio.

— Veja se ele tem alguma pista e depois despacha o homem. Esse tipo de gente só atrapalha. Não precisamos de heróis aqui.

— Cuidado, seu Tenente, só vim trazer o recado. Minha Santa mãezinha já é uma senhora idosa que não precisa mentir pra viver. Como parteira, já trouxe muita gente ao mundo, mas como benzedeira, já despachou outros tantos. Posso garantir pro senhor que ela tem mais amizades do lado de lá do que de cá. Ela queria vir para lhe dar o recado pessoalmente, mas eu quis poupá-la da viagem e prometi que viria aqui. O recado está dado. Passar bem.

A poucos metros dali, defronte a prefeitura, o professor detém sua montaria com a aproximação de uma agradável figura.

— Como vai a filha do prefeito?

— Tudo bem, professor. Pode me chamar de Cecília. Vi que o senhor passava e resolvi cumprimentá-lo.

— Fez bem — diz o homem, desmontando e aproximando-se da moça, com as rédeas nas mãos. — Sentia-me na obrigação de pedir desculpas pela má acolhida daquele dia.

— Por mim, não tem problema, professor. Só não entendi a sua aversão aos militares.

— É uma longa história. Não gostaria de aborrecê-la com assuntos ruins.

— Ficaria feliz se dividisse comigo sua preocupação.

— Obrigado, senhorita Cecília. Quem sabe um dia.

— Vou esperar. E, se me permite, gostaria de lhe dizer que o tenente Oliveira é uma boa pessoa. Não merece seu desprezo.

— Talvez sejam os seus olhos...

— Pode ser, mas costumo não me enganar com as pessoas. Não me enganei com o senhor.

O professor sorri pela primeira vez desde que chegou à região.

— Tudo bem. Louvo a sua intuição. Não gostaria de revê-lo, entretanto. Mesmo parecendo... diferente, para mim, continua sendo um militar.

A moça esboça um sorriso sem graça.

— Não fique assim, senhorita. A nossa amizade não depende de um entendimento entre mim e o tenente, não é?

— Não. Claro que não, professor.

À noite, enquanto esperam o jantar, Oliveira narra ao prefeito e sua filha os detalhes da caçada.

— Então ele dormiu com vocês? — indaga o prefeito.

— Isso mesmo. Estava no forro. Depois desapareceu dentro de um córrego.

— Disseram que você atirou em dois cupins — disse Cecília.

— Foi mais um desabafo, mas eles estavam ali, por onde o fugitivo deveria passar.

Depois de uma pausa, prossegue:

— Lá no meio do mato, vendo o bandido escapar assim, diante de nossos olhos, dá até pra pensar ser verdade um pouco das proezas que falam sobre ele.

— Lá na prefeitura estão chamando você de “O matador de cupim”.

— Como as notícias correm depressa nesta cidade!

— É — concorda o prefeito. — Uma cidade sem leite e quase sem comida.

— Os rancheiros?

— Vieram quase todos pra cá. As fazendas estão abandonadas. Os poucos que ficaram trabalham armados e de costas uns para os outros. Acho que a situação chegou ao seu ponto crítico. E quanto mais a notícia se espalha nos jornais, pior fica.

O tenente passa a mão pelos cabelos e confessa:

— Eu imaginava ser mais fácil, que em poucos dias resolveria o problema. Tenho que pedir reforços. Após o jantar, vou à delegacia e telefonarei ao comando. A floresta é muito grande. Preciso de mais homens e de cães. Esse assassino, além de ser maluco, é também muito esperto.

— E se, enquanto isso, ele se afastar, ir embora?

O tenente sorri.

— Não. Ele vai ficar. Está muito seguro de si. Ele está gostando do jogo.

ALARME FALSO

Zé Antônio era o nome dele. Trabalhador braçal que todos os dias se levantava com a chegada dos primeiros raios de sol. Naquela manhã, não era diferente. Após lavar o rosto e tomar o seu café, ajoelha-se rente à parede, do lado de fora da casa e, pacientemente, desliza sua foice na pedra branca fincada ao chão, buscando o corte ideal da lâmina. Depois coloca a ferramenta no ombro esquerdo, repartindo o peso para facilitar a caminhada. O destino era um dos pastos de seu patrão. O mato estava alto e precisava ser roçado. Era próximo à cidade, dava para ir a pé. Um pouco mais à frente, depara-se com uma das várias plantações de bananas existentes na região de Capinópolis. De longe, viu as pessoas que, como ele, iniciavam mais um dia de trabalho, apesar do medo que as rodeava.

Pensa em cumprimentá-las e, para isso, atravessa uma pequena cerca, contorna um capinzal e surge às costas do pessoal junto às moitas de bananeiras. Com a foice na mão direita, faz a sua saudação:

— Ô moçada! Como é que tá?

É enorme o susto dos trabalhadores ao virem o homem chegar de repente. O medo e a contraluz formam a imagem do consciente coletivo e a associação com o assassino é inevitável.

— Corre, gente! É ele!

— Deus me acode!

Feito estouro de boiada, levam no peito o que encontram pela frente, deixando para trás as ferramentas e a vontade de trabalhar. Em poucos segundos a plantação estava deserta.

— Ué, o que foi que eu fiz?

Zé Antônio retoma seu caminho sem entender que fora o protagonista de um simples alarme falso.

De outra feita, dona Zefa cuidava do marido e de dois filhos. A pequena palhoça ficava a poucos quilômetros da cidade. Nas imediações havia mais quatro famílias que se fixaram às margens de um pequeno riacho. Em um dos ranchos, fora construído um puxado de madeira para abrigar todos os moradores daquela região sempre que a noite caía. Durante o dia, as tarefas do campo eram realizadas em grupo. Mesmo com a luz do sol, o medo estava presente no olhar de todos. As notícias que chegavam traziam sempre mais desespero.

Quase todos os dias, dona Zefa se vestia de coragem e chegava até à beira do córrego para lavar as roupas. Naquela manhã, com uma lavadeira na cabeça, desce a encosta até alcançar as primeiras pedras banhadas pela água. Olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento. A corredeira deslizava velozmente como se quisesse sair logo dali. Os pequenos animais também fugiam com a sua chegada ou por algum outro motivo. O vento fazia balançar o alto das árvores, e pequenas folhas secas caíam furtivamente sobre as águas. De repente, do lado oposto, algo se mexe numa moita de capim e um vulto parece se ocultar na sombra da gameleira. A vasilha com roupas é jogada ao chão, no momento em que um grito fantasmagórico ecoa entre as pedras e desliza pelo leito do riacho, levando sua mensagem de horror.

— Meu Deus! O bicho pegou a Zefa. Vamos correr!

— Depressa! Corre, Joãozinho!

Em poucos instantes, todos já estavam reunidos e trancados no rancho maior. Os gritos, porém, não cessavam; pelo contrário, aumentavam de intensidade a cada segundo. Era dona Zefa que, imaginando-se perseguida, corria desesperadamente em direção ao abrigo.

Ofegante, a pobre mulher alcança o lugar e esmurra a porta com todas as suas forças, fato que aumenta o pavor do lado de dentro.

— Ele vai derrubar a porta!

— Minha Nossa Senhora!

O impasse dura mais alguns instantes até a mulher, já com os pulsos machucados, prostrar-se ao chão em prantos. A porta, finalmente, é aberta depois de compreenderem que tudo não passou de um alarme falso.

Outro episódio teve como protagonistas um bando de macacos, que são bichos curiosos, inteligentes e anárquicos. Todos os dias, vários deles deixavam a capoeira em busca de alimento e alguma novidade. Nada melhor que a presença do homem para lhes proporcionar esses dois atrativos. A casa de tábuas à frente estava fora de alcance, mas a casinha dos fundos estava rodeada por capim rasteiro e tinha uma grande árvore que se curvava em sua direção, levando os galhos até poucos metros acima de sua telha de zinco.

De longe, era possível ver os donos do lugar: um homem, uma mulher, um menino e um cachorro. Era sempre difícil a aproximação, pois o cachorro os descobria e o menino lhes atirava pedras com seu bodoque. Hoje, porém, tudo parecia diferente. Os animais estavam soltos pelo quintal, uma carroça atrelada a um cavalo esperava para ser carregada. No chão à sua volta havia inúmeros utensílios domésticos e roupas.

Os macacos aproximam-se um pouco mais para entender melhor a situação. Chegam até à árvore, cada qual disputando o melhor espaço, o galho mais resistente. Na casinha abaixo deles havia alimento, inclusive os deliciosos queijos que a mulher fazia. O momento parecia adequado para descer e pegar alguns. Mas não era necessário ter pressa, tudo indicava que os moradores estavam de partida. Bastava esperar. Chegar um pouco mais perto e esperar. Mas o que é aquilo? O homem se volta em direção da casinha. Quem sabe esquecera alguma coisa. Não é possível! Deve estar vindo pegar os queijos que eles tanto gostavam. Deve ser isso mesmo, infelizmente. Ele está chegando e é preciso fugir antes que sejam vistos.

Como sempre acontece, a pressa reduz a possibilidade de acerto e um grande macaco não alcança o galho desejado, caindo sobre a telha de zinco no momento em que a porta é aberta. O barulho repentino faz o homem correr em disparada de volta à carroça e desaparecer com a família em poucos minutos, na curva da estrada, deixando no chão toda a sua tralha. Agora desimpedidos, os macacos aos poucos foram voltando sem saber que contracenaram com o medo em mais um alarme falso.

CORPO FECHADO

O vento estava parado e o mormaço cobria a cidade de Capinópolis. — Como era possível chover tanto e ainda fazer calor? — indagava Oliveira. Os minutos passavam lentamente como se os ponteiros do relógio tivessem medo de andar. Oliveira esperava a chegada dos reforços, e Cipriano, na porta da delegacia, olhava as ruas desertas. A cada morte acontecida na região, a cidade se encolhia, escondendo-se num grande e invisível buraco, feito tatu ao ouvir barulho de cachorros em seu encaço.

As pessoas pareciam adivinhar que algo mais iria acontecer naquele dia. A calma é prenúncio de novidade; é simplesmente momento de espera do que virá. Feito chuva que se detém por instantes, segura os pingos d'água e aquieta o vento para que o relâmpago corte o céu com sua cimitarra faiscante como se derrubasse um canto do mundo, e o estrondo que se segue mostra, no silêncio preparado pela natureza, toda a força dos deuses.

A cidade vivia esse momento de silêncio. O olhar no final da rua via o ar quente e úmido tremer e subir sob os raios do sol que aparecia cheio de cerimônia entremeado em nuvens revoltosas. Havia sempre um espaço para se respirar entre uma morte e outra, e ele estava acabando. Nesse instante, o telefone toca na delegacia, atendido imediatamente pelo cabo Manoel.

— Sim senhor. Onde foi? Pode contar. Vou dar o recado.

— O que foi, Mané? — indaga Cipriano.

— O Matador atacou de novo. Perto de Canápolis. O delegado de lá vai caçar o homem e quer a nossa ajuda.

— Perto de Canápolis? — espantou-se o homem. — Não pode ser ele. Há dois dias estava exatamente do lado oposto.

— Mas é preciso conferir.

— Concordo. Vamos lá. Onde estão os rapazes?

— E os soldados? Não vai chamar?

— Dessa vez não. O tenente está esperando os reforços, e é quase certo de que se trata de um caso qualquer. Cadê o jipe?

Uma hora depois, os grupos se encontram numa fazenda entre as duas cidades.

— Obrigado por terem vindo.

— Estamos aqui. Onde está o morto?

— Ninguém morreu. Um homem levou um golpe de facão no ombro. Já foi socorrido.

— E onde aconteceu o caso?

— Ali, na beira do córrego. Meus homens já estão procurando os rastros.

— Vamos lá.

A pista indicava o meio da mata na direção de Canápolis. Nove homens iniciam a caçada. O grupo, superior numericamente, enche-se de coragem.

— Dessa vez ele não escapa!

Com as armas em punho, seguem a pista que logo adiante se perde numa região pedregosa. Por mais que se esforcem, os rastros não são reencontrados.

— Ele é sabido. Conhece bem a região.

— E agora? O que fazer?

— Vamos nos dividir em dois grupos e avançar mantendo certa distância. Assim a gente aumenta a possibilidade de achá-lo.

— Então vamos. Mas cuidado, ele é perigoso.

A região era irregular, com grandes capões de mato, e as equipes perdem o contato entre elas.

— Cipriano, e a turma de Canápolis?

— Não sei. Acho que tá de lá daquele morro onde a gente passou.

— Ficamos sozinhos!

— Que história é essa de sozinhos, Cabo? Somos quatro.

— Mesmo assim. Tô perdido nesse mato.

— Vamos um pouco pra esquerda. Quem sabe a gente acha os outros.

A perseguição era inútil. A mata fechada escondia o perigo iminente detrás de um tronco, de uma moita de capim...

— Cuidado que ele pode estar em cima das árvores.

O tempo fecha e a luz fosca do sol dá lugar a um enegrecido céu que mergulha o dia em uma enorme sombra.

Os nervos à flor da pele faziam os policiais suarem frio a cada ruído, a cada ave que fugia, a cada balanço dos galhos ao vento.

— Não aguento mais isso! Ele vai matar a gente.

— Mantenha a calma, policial. Já vamos sair daqui.

— Sair pra onde? A gente tá perdido. O jogo virou, delegado. É ele que tá caçando a gente.

Nesse momento, para alívio dos bravos agentes da lei, ouve-se um tiro. Em seguida mais dois.

— O outro grupo achou ele. Vamos lá.

Seguindo a direção dos disparos, os quatro homens chegam novamente à beira do riacho.

— Espera! Espera! Alguém vem correndo ali. É ele! Atira!

Sem dúvidas, era o suspeito. A pouca luminosidade na densa floresta e o pânico geral dificultavam uma visão clara da situação.

Enquanto a figura passava na margem oposta, vários disparos são efetuados. Nenhum deles atinge o alvo. Feito magia, o homem continuava em pé, esgueirando-se rapidamente

por entre a folhagem. O poder de fogo dos policiais revela-se inútil contra ele, como se as balas fossem de festim.

— Não é possível! Ninguém acertou ele?

— Atenção! O outro grupo tá chegando. Cuidado com os companheiros.

Um pouco adiante dos colegas, um dos policiais de Canápolis passa em disparada, atirando-se mais adiante nas águas do riacho.

— Vamos lá. O Batista alcançou ele.

Quando chegam ao local, encontram apenas o policial saindo do leito.

— Cadê o homem? Pegou?

— Pulei em cima dele, mas escorrega igual sabão. Mergulhou e não apareceu mais. E aqui é raso.

— Vamos vigiar as duas margens. Ele vai ter que sair.

No entanto, apesar da intensa busca, o homem não foi encontrado. A ausência de pistas indicava que ele permanecia na água.

— Não adianta, gente. Ele morreu ou virou um sapo.

— Já ouvi dizer que desaparecia na água, mas achava que era mentira.

— Só pode ser um feiticeiro! Nenhum tiro acertou ele.

— E olha que eu descarreguei minha arma em sua direção.

— Vamos voltar. Já vai escurecer.

A chuva que havia dado trégua até então, desaba torrencial e sem aviso sobre a patrulha. É como uma última punição pelo amargo fracasso.

Mais acima no riacho, uma figura se levanta da água, retira da boca um canudo de bambu e se embrenha na mata.

REFORÇOS

A cidade de Capinópolis se agita pela manhã do dia seguinte. As pessoas saíram de suas residências para ver estacionar no pátio da prefeitura um caminhão, uma caminhonete e dois jipes, trazendo um pelotão de 36 soldados da Polícia Militar. No armamento, além dos costumeiros fuzis, traziam metralhadoras e bombas de gás lacrimogêneo. Perfilados em duas colunas, os reforços para a caçada são

apresentados ao tenente Oliveira.

— Pelotão!

— Sargento Moura se apresentando, senhor.

— Bem-vindo, Sargento. E os cães?

— Estão na caminhonete, senhor. Seis cães adestrados que eu próprio comando. E vieram também os radiotransmissores.

— Muito bem. Quero ver agora como esse assassino vai escapar.

E voltando-se para o pelotão, Oliveira eleva a voz, sendo ouvido por todos os espectadores que se acumularam nas imediações da prefeitura.

— Soldados! Vocês vieram para uma verdadeira guerra. Vamos caçar apenas um homem, mas que já demonstrou muita coragem e astúcia. Sozinho vale por um grupo inteiro como o nosso. Olhos abertos e mãos nos fuzis quando chegar o momento. Não quero perder um só homem. Sigam rigorosamente as ordens de seus superiores e tudo estará sob controle.

O agente aproxima-se do prefeito que também observava a apresentação ao lado dos seus assessores.

— Os alojamentos, senhor prefeito?

— Desocupamos as casas ao lado do galpão. As famílias foram transferidas. Assim, ficam todos juntos.

— Agora temos mais veículos...

— Podem continuar abastecendo. A prefeitura cobre os custos do combustível, além da acomodação dos soldados. Queremos nos livrar desse maníaco.

Oliveira agradece ao prefeito, deixando o olhar correr pelo local e se deter, por instantes, nos olhos claros de Cecília que se encontrava em pé na entrada principal da prefeitura. Nesse instante Cipriano chega, acendendo um cigarro.

— Não sabia que fumava, delegado.

— Durante o trabalho tento evitar, Tenente. Aceita um?

Voltando-se outra vez para a entrada da prefeitura, o homem agradece.

— Não, obrigado. O cigarro me faz sentir coisas que quero esquecer.

— Não entendi.

— Tudo bem. Deixa pra lá.

— Hum! Veio um destacamento inteiro, Tenente.

— Isso mesmo. E cães. Agora vamos apertar o cerco e pegar o homem. Aliás, fiquei sabendo de sua investida contra ele ontem. Por que nos excluiu?

— Não podia ser ele, Tenente. O caso aconteceu do lado oposto da nossa última caçada.

— Nisso você tem razão. A distância é muito grande para ser percorrida a pé nesse pouco tempo que passou. Mas como é essa história das balas não atingirem o alvo?

— Eu descarreguei meu revólver em sua direção e ele continuou correndo como se fosse um fantasma. Nenhum tiro acertou o sujeito.

— Deixe-me ver a sua arma, delegado.

O revólver foi estendido ao militar que gira o tambor e retira as balas.

— Hum! Há quanto tempo você não efetuava um disparo?

— Bem, não sei. Faz tempo. Antes do Matador, aqui sempre foi muito tranquilo.

— Então é isso. Estas balas estão velhas. Melhor fazer uma manutenção nessas armas antes de sairmos novamente.

A arma é devolvida ao delegado.

— Bom, agora, com a chegada dos reforços, vamos trabalhar. Após o almoço, gostaria que o senhor acompanhasse o sargento Leônidas ao local da operação ocorrida ontem. Quem sabe achamos alguma pista.

— Com prazer, Tenente. Mas agora gostaria de lhe mostrar uma coisa.

— O que é?

— Um novo reforço para a caçada. Um reforço inesperado. Está logo ali.

Os dois seguem até uma praça. Várias pessoas estavam aglomeradas em volta de um homem e duas mulheres, que se encontravam sentados no chão ao redor de uma pequena fogueira de onde saía um tufo de fumaça. Por perto estavam espalhados vários e estranhos amuletos. As vestes características mostravam ser um pai-de-santo e as famosas tias da Bahia, que vieram colaborar com a prisão do assassino. Com um cachimbo no canto da boca, o homem dizia, estendendo as mãos sobre a fogueira:

— Esse home é um enviado do demo! Tem o corpo fechado, num pode sê preso cum arma de fogo. Viemo aqui desencantá o home. Vamo prendê primero seu esprito, sua arma. Depois do trabaio feito, ele vai vim aqui nessa praça se entregá pras autoridade em três dia. Quem falô foi Exu, o maió de todos os Orixá.

A uma pequena distância, Oliveira ouve atentamente o pai-de-santo. Cipriano indaga:

— E aí? Mando varrer a praça?

— Não! — responde o tenente. — Todo reforço a essa altura é bem-vindo.

APERTANDO O CERCO

Um bom número de soldados, liderado pelo sargento Leônidas, acompanhou o delegado até o local onde o assassino passou pela última vez. As buscas não foram totalmente em vão. Uma bicicleta foi encontrada no meio do mato, à beira de uma pequena estrada. Os rastros, no entanto, haviam desaparecido. Após o relatório da operação, Oliveira exclama:

— Então foi assim que ele se deslocou tão depressa! Deve ter feito mais uma vítima para roubar a bicicleta.

— Ele matou um menino. Acabei de falar com os pais da vítima. — a triste notícia é trazida pelo Cabo Mendonça.

— Só não entendo por que mudou sua rota. Poderia estar bem distante agora — comenta Leônidas.

— É verdade — completa o tenente. — Talvez queira mostrar sua coragem.

O sargento Moura propõe:

— Tenente, se me permite, temos cães e muitos homens. Podemos cobrir a área.

— Será feito, Sargento. Eu precisava apenas da certeza de que era o mesmo homem. Não sabemos o lugar exato da busca, mas parece que ele segue para as terras do professor. Vamos traçar os planos de ataque.

Enquanto os soldados se preparam, Oliveira vai até à prefeitura. Iria se ausentar por um tempo indeterminado e queria se despedir de Cecília. A moça sai à calçada e os dois sentam-se num rústico banco à sombra de uma árvore.

— Quando você volta?

— Não há previsão. Vamos para o mato no encalço do bandido. Não podemos esperar que ele faça mais vítimas.

— Acha que vai ser perigoso?

— Sempre é, mas dessa vez acredito que não. Somos muitos. Por quê?

A moça sorri.

— Por nada.

O tenente toca suas mãos.

— Não se preocupe. Eu voltarei.

— Vou esperar.

A noite era escura. A chuva não caía, mas as densas nuvens escondiam a lua cheia. A mata fechada, trançada de cipós, não apresentava trilhas por onde caminhar. Parecia impossível a locomoção naquelas condições. Impossível para os homens, não para as feras do lugar. E a mais perigosa delas deslizava por entre as folhas com a mão esquerda à frente do rosto. Os olhos acostumados à escuridão conseguiam identificar bem apenas o que aparecia a alguns metros à frente, mas os ouvidos sabiam distinguir todos os ruídos da floresta e os perigos que pudessem surgir. Um deles, nesse momento, vinha em sua direção. Uma onça pintada tinha farejado a presa e o cheiro agora era mais intenso. O animal apenas não previra que o seu cheiro também havia sido notado e, detrás de um tronco caído, a corajosa caça erguia uma foice no ar. A onça pressente o perigo, mas a fome aquela noite era maior.

Uma nuvem comprime-se, diminuindo seu alcance, para que a lua pudesse iluminar a cena. A luta é rápida e grotesca. Dentes e garras se defrontam com uma lâmina afiada, medindo forças. Urros e gritos tiram toda a calma da floresta. Dos galhos de uma árvore, aves assustadas levantam um voo cego sem saber depois onde pousar. No chão coberto pelas folhas, as duas feras se atacam, até que apenas uma se ergue, sustentando na mão direita uma lâmina banhada de sangue.

Não foi uma batalha fácil, mas serviu para mostrar quem era o verdadeiro dono daquelas matas e, além disso, a carne para o almoço do dia seguinte estava garantida. Precisava agora encontrar um bom lugar para passar a noite. Se acaso chovesse, iria precisar de uma gruta, uma cabana ou coisa assim. Já estava cansado e os arranhões da luta ardiam. O jeito era caminhar mais um pouco até avistar alguma coisa... uma claridade, por exemplo. Sim, era mesmo uma fazenda.

A pequena fogueira na porta da casa mostrava os contornos do lugar. Estava claro demais para se aproximar daquele lado, teria que dar a volta. Mas... o que são aquelas duas figuras? É preciso chegar um pouco mais perto. Agora, sim, é possível ver um homem escorado em uma espingarda e um enorme cão, do tamanho da onça, ao seu lado. Dois adversários respeitáveis e muito atentos. Não teria a surpresa como aliada. Os olhos

vermelhos do cão estavam voltados em sua direção, como se estivesse vendo-o em plena mata escura. Não, é melhor seguir em frente. Sabe que por aí existe sangue mais fácil de ser colhido. Antes porém um pedaço de carne fresca de onça, misturado em ervas, é deixado propositalmente no local. Agora é caminhar mais um pouco, alguns minutos, uma hora talvez, e logo se avista outro lugar, uma casinha nos fundos de um quintal. É perfeito! Basta retirar alguns entulhos e pronto. Agora poderia descansar e, no outro dia, conhecer os moradores da casa maior que se erguia logo após o mangueiro.

O dia amanhece como sempre naquela grotta: nublado e escuro. Aves começam a sair de suas tocas em busca de alimento fazendo alvoroço e gorjeios misturados. Dois homens surgem na porta da casa. Aquele que se aparenta mais velho retira uma enxada presa na cerca e caminha em direção a uma pequena plantação de arroz. O mais novo repete o gesto e o segue. Alguém mais deve ter ficado na casa. Era bom verificar. A inesperada visita entra no mato à esquerda e se esgueira próximo ao mangueiro. Espera vários minutos, depois chega até a casa e, por uma pequena janela, vê uma idosa senhora atizando as brasas de um fogão a lenha. Era o que precisava.

Aproveitando a distração da mulher, adentra o local. A roça era próxima e, por isso, não podia haver barulho. Duas mãos atacam pelas costas, tapando a boca da vítima. O frágil corpo se debate em vão. Dois olhos esbugalhados aparecem aumentando o horror daquele momento. Num gesto de desespero, a ponta em brasa do tição de lenha queima a perna do agressor, o que faz aumentar a fúria e o prazer de matar.

Nesse instante, mais de cinquenta soldados, divididos em cinco grupos, percorrem a região em busca de pistas. Bem armados e precedidos pelos cães, avançam no encalço do inimigo.

Liderando uma das equipes, Oliveira faz um comentário:

— Ele deve ter caminhado à noite e, se o fez, não pôde apagar os rastos. Vamos encontrá-los.

— Acho melhor mesmo, Tenente. Esta situação está ficando meio embaraçosa pra todo mundo. — comenta o delegado.

— É, eu também pensei que seria mais fácil...

— Não é bem disso que estou falando, Tenente.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu, nada. Mas o povo anda falando que o senhor está atrasando a captura do bandido pra ter mais tempo com alguém que o senhor sabe quem...

Oliveira franze a testa e esboça um sorriso irônico como se aquilo não tivesse importância nenhuma.

— Que absurdo, eu...

O diálogo é interrompido por um disparo. Era o sinal confirmando a previsão de Oliveira. Em pouco tempo, as equipes se agrupam e passam a seguir as pegadas feitas na noite anterior.

— Adiante, homens! A pista só pode ser dele.

Por volta do meio-dia, deparam-se com a onça morta e logo entendem a situação.

— A onça encontrou uma caça indigesta.

— Mas arrancou um pedaço de sua camisa. Olha aqui.

— Perfeito! — diz Moura. — Os cães vão farejá-lo melhor agora.

O sargento aproxima o tecido dos cães. Logo eles se agitam e retesam as correntes em que estão presos.

— Vamos lá, soldados, agora ele não escapa mais. Os cães já conhecem o seu cheiro.

Ao lado de Oliveira, Leônidas comenta:

— Viu que ele arrancou uma fatia traseira do bicho? Será que alguém come carne de onça?

— Só quem tem coragem de matar uma delas, Sargento.

Logo adiante, surge a fazenda do professor. A pista contornava a cerca desviando-se da sede. Enquanto os soldados a seguiam, Oliveira resolve ignorar os limites impostos pelo proprietário. Ultrapassa a cerca, caminha mais alguns metros e atravessa, do lado esquerdo, as tábuas do curral. Um pouco mais à frente, ao cruzar um colchete, depara-se com uma enorme fera de dentes afiados.

— Grrr!

Instintivamente, Oliveira leva a mão à arma, mas uma voz o detém:

— Não teria tempo de apertar o gatilho, militar. Lobo só não atacou porque espera minha ordem.

— E por que ainda não ordenou, professor?

— Também me faça essa pergunta. Motivo eu tenho: você invadiu minha propriedade!

— Estamos numa operação militar de segurança pública e não aceitamos obstáculos em nosso caminho.

— Isso eu já sei. Tive provas reais desse cruel desrespeito. Por onde passam, vão ceifando tudo, inclusive vidas inocentes.

— O que tem contra os militares, professor?

Segurando sua espingarda, o homem dá um passo à frente, tocando a cabeça do cão.

— O suficiente para desejar a sua ausência daqui o mais rápido possível. E se o senhor soubesse desses motivos, não atravessaria mais o meu caminho.

— Como quiser, já que as terras são suas. Quis apenas avisá-lo de que o assassino está na região.

— Eu já sabia. Rondou a casa ontem no início da noite, mas não teve coragem de chegar.

— Então eu fui mais corajoso que ele — sorri o tenente, fazendo uma ligeira continência.

E voltando-se na direção do matagal, completa:

— Em todos os segmentos, professor, há pessoas boas e más. Não fugimos à regra. Sabe, tive um professor de matemática que eu odiava, aliás, todos o odiavam no colégio. Mas nem por isso eu tratava mal os outros professores. Passar bem!

Homem e cão veem o estranho adversário se afastar e se misturar ao verde da mata.

Por volta de uma hora depois, a fazenda por onde passou o assassino é encontrada. Os soldados se espalham enquanto Oliveira e Leônidas seguem Moura sempre com dois dos cães atrelados em sua mão direita.

— Pelo jeito ele passou a noite aqui nesta casinha.

Um chamado vem da casa.

— Tenente, venha até aqui.

Ao chegar à porta, Oliveira se depara com uma cena horrível. A velha mulher estava estirada de costas ao chão, com os olhos arregalados pelo terror que passou. Um dos braços fora cortado e jogado nas brasas do fogão. Suas roupas foram rasgadas e espalhadas pela cozinha. Pedacos de lenha usada no fogão estavam cravados em sua boca e órgão genital.

O sangue em volta dava contornos macabros à tétrica cena. Antes de qualquer reação do comandante, outra surpresa ocorre lá fora.

— Tem mais dois ali na roça de arroz.

— Mortos a golpes de foice.

Um soldado começa a vomitar.

Depois de verificar os corpos, Oliveira deixa três soldados incumbidos das vítimas e parte imediatamente em busca do maníaco.

— Vamos apertar o cerco. Ele já fez estragos demais.

SOBRE OS PRÓPRIOS PASSOS

A perseguição prossegue intensa, mas sem resultados até o fim da tarde.

— Os homens precisam de um descanso, Tenente. Só fizemos um lanche e, mesmo assim, caminhando.

— É verdade. Precisamos parar, mas sinto que estamos quase alcançando o maldito. Só mais alguns minutos.

Quando se aproximam de uma região escarpada, os cachorros se agitam. A caça estava realmente perto. O sargento Moura, pressentindo a possibilidade de captura, ordena:

— Vou soltar os cães. Façam o mesmo e tentem segui-los.

Os seis animais saem em disparada, descendo a ladeira até chegar a uma nascente onde a terra molhada se espalhava formando uma clareira. Os soldados chegam à orla do matagal no instante em que os cachorros corriam e latiam em volta de um dos coqueiros que havia no local. Como se o assassino estivesse no alto da árvore, pulavam sobre o tronco, arranhando-o com as unhas. Rapidamente os homens alcançam o lugar, mas ninguém entende a situação.

— O que deu nesses cães? Ficaram loucos? Não há nada lá em cima.

Enquanto Moura tenta acalmar e prender os animais novamente, Oliveira se aproxima e olha atentamente o terreno em volta. A pista terminava ali. Vendo-se impossibilitado de fazer mais alguma coisa no momento, finalmente se dá por vencido:

— Vamos passar a noite aqui.

— Preparem o acampamento — ordena o sargento Leônidas.

Enquanto os soldados construíam improvisadas tendas e preparavam a refeição, o tenente continuava em volta do coqueiro, olhando para cima. Um dos soldados se aproxima.

— Onde quer a sua tenda, senhor?

— Aqui, ao lado deste coqueiro.

A noite passa sem novidades. Além das sentinelas, mais dois olhos permanecem atentos, os olhos de Oliveira, fixos na árvore. O tenente pouco dorme, encabulado com a astúcia do seu oponente. Mais uma vez, no momento exato, ele havia conseguido escapar. Na manhã seguinte, antes de prosseguir a caçada, desenha um X no chão com um graveto.

A ausência de pistas dificulta a retomada da perseguição. Os soldados se espalham em pequenos grupos por todas as direções. Os rastros do fugitivo são reencontrados somente duas horas depois por Moura e seus cães. Novamente o grupo se reúne. Quando o sol estava a pino, as pegadas se dirigem para uma região cheia de pedras e cascalhos.

— Ele quer nos enganar mais uma vez.

Realmente, mais adiante, não encontram sinais de sua passagem.

— E agora? Os cachorros também parecem perdidos.

— O jeito é atravessar essas pedras e procurar novamente os rastros do outro lado.

— O que acha, Tenente? Tenente?!

Oliveira havia ficado para trás e, nesse momento, estava agachado observando as últimas pegadas visíveis.

— Voltem aqui. Ele seguiu em outra direção.

Os soldados se aproximam, enquanto o tenente explica sua afirmação.

— Eu já havia notado algo estranho nesses rastros e agora tenho a confirmação. Ele anda por um determinado tempo, depois volta de costas sobre seus próprios passos, assim nos faz seguir numa direção totalmente oposta à sua. Vejam só: aqui dá pra ver o sinal de uma pegada dupla. O apoio é diferente. Está até mais fundo. Como pode ser tão estúpido!

— Ele é muito sabido! Isso explica sua pista sumir assim de repente.

— Isso mesmo. Basta a gente retornar e ver onde as pegadas se separam.

E logo adiante...

— Aqui, Sargento! Ele foi por aqui.

No meio da tarde, encontram um pequeno acampamento que revelava sua passagem.

— Aqui ele parou um instante para descansar e comer. Isto é um pedaço de mandioca assada. Provavelmente, achou que estávamos em outra direção.

— E nós, Tenente? Quando vamos parar?

— Não temos esse privilégio, Sargento. O descanso será somente ao entardecer, mas espero alcançar nosso homem antes disso.

As previsões, dessa vez, não se concretizam. O sol começava a se esconder quando avistam uma fazenda.

— Bem, não dá mais pra seguir a pista. Vamos passar a noite ali.

— Ainda bem. Vamos ter pouso e comida decente.

Os soldados são recebidos pelo proprietário, um velho senhor que se recusava fugir para a cidade, apesar da insistência da mulher. Um paiol e um grande barracão ajudam na acolhida. Um porco é abatido para o jantar. Do alto de uma moita de bambus, apenas a cem metros da casa, dois enormes e sinistros olhos observam o movimento. Com a ajuda das inúmeras fogueiras acesas no quintal, dava para contar os seus inimigos. O calmo vento, vindo da fazenda, trazia o cheiro da carne, mas não revelava sua presença aos cães.

Oliveira amanhece mal-humorado. Com tantos homens, esperava pegar o assassino em menos tempo. E mais um dia se iniciava como todos os outros: próximo do objetivo, mas sem pistas. Os soldados, mais uma vez, se espalham em busca de algum indício para reiniciar a caçada. Em poucos minutos, várias novidades surgem quase ao mesmo tempo.

Durante a verificação de rotina, o sargento percebe a falta de um soldado. Começa então uma busca pelo homem desaparecido. Alguém dispara um tiro de alerta avisando que encontrou algo.

O sargento Moura se aproxima do local.

— É o Charles. Fazia o último turno de guarda. Deve ter se distanciado um pouco dos outros.

O soldado estava pendurado pelo pescoço no galho de uma árvore.

— Foi enforcado. Também levou uma pancada na cabeça.

Oliveira coça os pelos da barba que já começavam a incomodar.

— Ele quis me dar um recado...

— O quê, Tenente?

— Quis me dizer que pode matar qualquer um de nós, se quiser. Inclusive eu. Caímos numa armadilha... Por isso ele mudou a direção, para nos atrair até aqui.

— Sargento!!

As outras notícias chegavam.

— Ele passou a noite bem perto de nós. Dormiu no alto daquele bambuzal. A pista segue rumo ao Sul.

— Fui alimentar os cães. Estão todos doentes, parecem envenenados. Por isso não latiram.

— Vou mandar os cães para a cidade junto com o corpo do soldado — diz Moura.

Enquanto o pelotão se prepara para reiniciar a perseguição, Oliveira dirige-se ao proprietário para agradecer a hospitalidade. O homem estava levando um teimoso bezerro para o curral, com o auxílio de um peão. Eles não se aproximavam diretamente da rês; caminhavam acenando pelos flancos, a uma boa distância, cada um do seu lado, controlando os passos do bezerro que logo adentra a porteira aberta.

— Interessante manobra — comenta Oliveira, aproximando-se.

— Com alguns mais arisco, nós usa essa artimanha — diz o fazendeiro.

— Vim agradecer o pouso e saber para onde se vai nesta direção.

— Para o Sul? Há uma grande mata e, mais adiante, o rio com algumas sedes na margem.

— Rio? Qual?

— O Tijuco, uai!

— Então, ele fez uma volta em torno da cidade. Agora regressou ao rio, só que mais abaixo. Hum! Então é isso, ele está nos mandando em outra direção para ganhar tempo.

— Ah, mais pra atravessá o Tijuco naquelas banda ele vai percisá de uma canoa — diz o fazendeiro. — Nessa região é largo e perigoso.

— Muito bem. Vamos à caça.

O MELANCÓLICO

SOM DE UM VIOLÃO

Em Capinópolis, uma rural Willys, toda suja de barro, estaciona em frente à prefeitura. O proprietário desce do veículo à procura de Cecília, que logo chega à porta.

— Professor! Bom vê-lo por aqui.

— Infelizmente, o motivo de minha presença é muito triste.

A moça percebe que algum fato ruim acontecera.

— O que foi, professor? Posso ajudá-lo em alguma coisa? Basta dizer.

O homem abre a porta traseira da perua e aponta para dentro.

— Meu cão. Prostrou-se ontem depois de se embrenhar no mato atrás de algum intruso, não quer se levantar. Já mediquei, mas sem resultados. Estou com medo de perdê-lo também. Parece que está envenenado.

Cecília se aproxima, olha o animal e imediatamente toma as providências.

— Vamos levá-lo ao doutor João. Ele sabe cuidar dos animais também. Já salvou um cachorrinho que tínhamos.

— Só pensei em você pra nos ajudar...

— Fez bem, professor.

Entrando na perua, o pensamento da moça foge por um momento em busca do Tenente. Onde será que ele estava? Tudo corria bem?

Em outro ponto, a pista do fugitivo realmente adentrava a floresta e seguia em direção ao rio. Vez em quando os rastos sumiam, mas logo eram reencontrados e, assim, a perseguição chega até uma grande roça de milho.

— Ele entrou no milharal. Logo agora que a gente estava perto de novo.

Um relâmpago rasga o céu avisando que a chuva não irá tardar.

— O que fazer, Sargento?

— Vamos nos dividir em dois grupos e contornar a lavoura. Do outro lado, encontraremos a pista de novo.

— Eu penso diferente — interrompe Oliveira. — Se tem lavoura, tem fazenda. Vamos procurar a sede, talvez a gente chegue a tempo de evitar outra matança.

A casa só foi encontrada uma hora depois. O assassino já havia passado por lá, mas felizmente o local estava abandonado.

— Ainda bem que os moradores fugiram pra cidade.

— Ele entrou aqui, Sargento. Veja os rastos.

— Estava procurando alguma coisa pra comer. Tinha carne seca neste varal.

Oliveira se abaixa e pega um fio de metal retorcido e observa atentamente.

Cipriano se aproxima e diz;

— É uma corda de viola. Alguém colocou corda nova ou então está faltando uma.

— Vamos em frente, soldados! Quem sabe o pegamos ainda hoje.

Mais uma vez a caçada foi inútil. Um novo acampamento é montado numa pequena clareira no interior da floresta. A noite havia chegado e era preciso descansar. Há vários dias estavam na pista do assassino.

Depois do trabalho, Cecília se dirige a um barracão, onde provisoriamente o professor se hospedara. O homem quis ficar junto ao seu cão que fora medicado e estendido sobre um velho colchão ao lado da parede.

— Professor?

A porta é aberta.

— Entre, senhorita Cecília.

— Imaginei que não queria se ausentar do barraco e trouxe janta para o senhor.

— Pensou certo. Eu, realmente, prefiro ficar ao lado do Lobo. Mas não queria dar esse trabalho...

— Não é trabalho, professor. Como ele está?

O homem pega a vasilha estendida e puxa um tamborete para Cecília.

— Não teve reação ainda. O médico voltou à tardezinha e aplicou mais uma injeção e confirmou o que eu temia. Lobo foi envenenado...

Após um instante de melancólico silêncio, diz:

— Não posso ficar sem meu cão. É só o que me resta.

Cecília aproxima-se, arrastando o tamborete. Em seguida toca o braço do homem.

— O que mais o atormenta, meu amigo? Quem sabe podemos fazer alguma coisa.

Um leve sorriso se forma naquele rosto triste.

— Aí vem você com essa mania de ajudar todo mundo. Corre o dia inteiro pra lá e pra cá cuidando dos camponeses fujões e agora quer cuidar de um velho também?

— Não estou vendo nenhum velho aqui. Vejo um homem forte que administra muito bem sua fazenda.

— Isso é verdade — anima-se um pouco o professor. — ano que vem, quero iniciar por lá uma lavoura de algodão. Será a primeira do Triângulo Mineiro.

— Assim é que se fala. Vamos esquecer o que passou.

— Esquecer é impossível!

— O que se passou, professor?

Finalmente, diante de um rosto meigo e de uma voz tão suave, aquele duro coração resolve se abrir.

— Minha esposa. Foi torturada e morta pelos militares lá na Capital. Ela era apenas líder de bairro; lutava pelas pequenas coisas daquele setor. Nunca se envolveu com partidos políticos. Certo dia, com a acusação de que escondia alguns dissidentes do regime, invadiram minha casa e a levaram de mim. Eu não estava naquele momento. Os vizinhos me contaram o seu desespero. Foi embora gritando meu nome. E você sabe, contra eles nada se pode fazer. Daí em diante, passei a procurá-la em todos os quartéis, penitenciárias, delegacias, mas nada. Ninguém dava uma notícia sequer. Eu apelei para todos os amigos influentes que tinha, mas ninguém conseguiu uma pista sequer. Um dia, desesperado, fui até o prédio do DOPS e gritei como um louco, disse em voz alta que eu era quem eles procuravam, mas eles riram na minha cara. Prenderam-me na recepção mesmo, levaram-me para um porão, junto a outros prisioneiros, onde três homens me amarraram a uma cadeira e ficaram dois dias me torturando com choques, bofetadas e pontapés sem fazer uma pergunta sequer. No meio daquela loucura toda, entendi que aquilo não era um interrogatório, na verdade só queriam aterrorizar as pessoas.

O professor faz uma pequena pausa, respira fundo, parece tentar se livrar das tristes lembranças. Cecília fica em silêncio e, antes que possa dizer qualquer coisa, o amigo continua sua história.

— Eu fui solto em frente a minha casa, jogado da traseira de um furgão como um saco de batatas. Fiquei imaginando o que teriam feito com minha esposa Ângela... Cinco meses depois de sua prisão, ela foi abandonada numa das ruas do bairro, seu corpo estava todo machucado. Ela estava irreconhecível. Eu a levei a um médico amigo da família o mais rápido que pude e ele foi taxativo: ela tinha muitos ferimentos internos, e eu devia me preparar para o pior. Mas o golpe mesmo foi quando ele se virou para mim e falou que ia tentar salvar o bebê. Eu... fiquei atônito. Perguntei a ele: um bebê? Sim, ele respondeu, ela

está grávida de seis meses. Ficava imaginando, às vezes, o momento em que ela teria me dado a notícia, o quanto esperávamos por aquele filho... Na verdade, filha... Uma menina... Era o sonho dela, ser mãe... É claro que o bebê não sobreviveu e nem Ângela. Naquele momento, meu mundo desabou. Impossibilitado de fazer vingança e também ameaçado, resolvi mudar-me para o interior. Se eu ficasse, morreria; se não pela ditadura, por desgosto ou me atracaria com um soldado na rua. Trouxe comigo nossas pequenas economias e meu cão.

No término da narrativa, rolava uma lágrima no rosto de Cecília.

— Uma triste história, professor. Eu sinto muito...

O homem tira um lenço do bolso e o estende à moça.

— Veja! É culpa minha. Não queria incomodá-la com minhas tristezas.

Ela esboça um pequeno sorriso.

— A partir de hoje suas amarguras serão menores. O senhor as dividiu comigo.

O homem aperta com força aquelas mãos macias.

— Agora você entende minha aversão aos militares.

— Sim, e lógico, ao tenente Oliveira.

— Nos encontramos outra vez.

— E? Como foi?

— Não foi muito amigável...

A noite já era alta. Depois de uma leve refeição, os soldados se entregam ao sono. Cinco sentinelas vigiavam o acampamento. Um lobo uivava distante e as aves noturnas pareciam incomodadas com aquela presença inesperada em seu território. Os grilos repetiam o insistente e único canto que sabiam. Inúmeros morcegos faziam acrobacias para ninguém ver. Os relâmpagos espocavam ao longe e os estrondos vinham como um ronco abafado mas contínuo. Oliveira, em sua improvisada tenda, olhava a lua que dessa vez exibia sua beleza entre uma nuvem e outra. Um grande círculo havia-se formado à sua volta, talvez anunciando alguns dias sem chuva.

De repente, o oficial nota algo diferente, uma mudança repentina no seio da floresta. Todos os ruídos somem dando lugar a um apavorante silêncio. Até o calmo vento esconde-se entre as árvores. Algo inusitado estava prestes a acontecer. O homem arrepia o corpo inteiro quando chega aos seus ouvidos o longínquo e melancólico som de um violão.

— Mas, o que é isso? Música aqui no meio deste sertão? Será que estou delirando?

Era real, no entanto. As cordas de um violão espalhavam a melodia de uma conhecida canção da dupla sertaneja Praião e Prainha. Com o auxílio do vento, pôde ouvir por instantes uma voz entoando o verso: “Como é chato gostar!”

Ouvindo também a melodia, um sentinela aproxima-se.

— Tenente!

— Estou ouvindo.

— É possível chegar até lá pelo som?

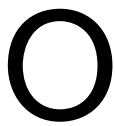
— Não, isso é outra armadilha. Ele é como uma fera, sabe se locomover à noite. Iríamos expor os nossos homens.

— Talvez seja isso que ele queira.

Oliveira ouve um pouco mais a música, que agora parece bem distante.

— Acho que quer nos amedrontar. Fica sempre por perto esperando algum descuido. Nós o caçamos de dia, e ele nos caça à noite.

ARAPUCA



Violão, faltando uma corda, foi encontrado no outro dia cedo sobre o barranco de uma estrada.

Essa atitude era prevista, já que o instrumento atrapalharia a fuga. Olham ao redor. Não foi preciso muito tempo para entender que o fugitivo adentrava novamente a floresta. Leônidas ordena:

— Vamos, soldados! Ele continua na direção do rio.

Oliveira, no entanto, resolve mudar a estratégia da perseguição. Não dormira à noite, pensando numa maneira eficiente de captura. Todos param para ouvi-lo.

— Nossa investida está se revelando inútil contra ele. Mostrou conhecer bem a região, nos engana com pistas falsas, sabe se camuflar na floresta e tem sempre um esconderijo. Por isso vamos mudar a tática. Se não conseguimos até agora chegar até ele, vamos fazê-lo vir até nós. Eu explico: ao invés de entrar na mata em seu encalço, seguiremos esta estrada até encontrar uma fazenda. Lá faremos uma armadilha para esperá-lo. Não vamos mais andar atrás dele; vamos pelos flancos, tocando-o pouco a pouco como se conduz o gado para o curral.

Alguns quilômetros à frente, a suposta fazenda foi encontrada às margens do rio Tijuco. A sede estava afastada, mas algumas cabanas se espalhavam ao longo do curso d'água. Alguns dos sitiantes já haviam abandonado suas moradias, vindo se reunir aos outros na casa maior. O lugar se revelou perfeito para o plano que seria iniciado no outro dia cedo.

Em Capinópolis, com a ausência dos soldados, o medo havia tomado conta de vez da população. Poucos saíam de casa, mesmo durante o dia. Dos estabelecimentos comerciais, só o armazém de Ezequiel teimava em abrir suas portas e, como sempre, o assunto era sobre o assassino.

— A coisa tá feia! O povo fugiu tudo das roças.

— É, e não conseguiram pegar o maluco ainda.

— Diz por aí que ele enganou os “milico” e tá vindo em nossa direção.

— Ele não é bobo. Se entrar aqui, morre.

— O quê? Só ficou o delegado e aqueles três borra-botas. Quem vai ter coragem de atirar nele?

— Mas tem outra coisa que nós num pode esquecer. E se ele tiver voltando pra se entregar, como falou o pai-de-santo?

— E ocê acreditou naquela conversa?

A alguns quilômetros dali, Oliveira imaginava que o fugitivo pretendia atravessar o rio, e esse era o trunfo que tinha contra ele. Duas canoas foram deixadas na margem, porém amarradas por correntes cuidadosamente afundadas na água, fazendo parecer que estavam presas por cordas; e todas as outras que, por ventura, existiam nas proximidades foram recolhidas. Divididos em três grupos, os soldados se colocaram em ação. O primeiro, voltou pela estrada e seguiu a pista deixada por ele; o segundo ficou do lado oposto para evitar sua fuga. Deveriam se locomover lentamente, mostrando suas presenças, de modo que o bandido fosse, aos poucos, conduzido ao lugar da armadilha onde ficou escondido o terceiro grupo, este liderado pelo tenente Oliveira. A arapuca estava armada. Era só preciso esperar. Os camponeses e suas famílias trancaram-se na sede da fazenda, esperando o desfecho da história.

As horas passam sem nenhuma pressa. Mas era preciso esperar. A noite chega. A atenção é redobrada, pois a escuridão sempre fora a principal aliada do perigoso matador.

Entretanto, longas horas se sucediam e somente os vultos próprios da natureza se locomoviam nas imediações.

— Ele não vem, Tenente. — sussurra o cabo Mendonça, esmagando um pernilongo no rosto.

— Vem sim, não tem outra saída.

A madrugada vai dando lugar para uma cinzenta manhã coberta de neblina. O barulho das águas nas pedras de uma corredeira abafava todos os ruídos.

O tempo se fecha ainda mais e a luz fica difusa, quase tênue, criando uma atmosfera lúgubre. A chuva começa a cair lentamente. O cansaço da longa espera já incomodava os soldados, mas a forte liderança do tenente garantia a permanência de todos em seus postos. Ninguém falava, ninguém se mexia até que uma figura impressionante surge lentamente do meio das árvores. Era um rapaz franzino, mulato e de baixa estatura. No ombro, uma foice; na cintura, um facão. E um dos pés estava descalço. Olhando desconfiado em todas as direções, aproxima-se da margem e entra numa das canoas. Era o momento exato para a captura.

Oliveira dá a ordem e os soldados aparecem repentinamente de seus esconderijos, cercando o local. O fugitivo percebe que a canoa está amarrada e saca do facão desferindo inutilmente vários golpes na corrente. Sem alternativa pula na água, mas sua fuga é contida por várias rajadas de metralhadora disparadas para o alto. A arapuca se fechava. Havia chegado o fim da perseguição.

Com os braços caídos junto ao corpo, o homem sai lentamente da água sendo, em seguida, imobilizado pelos soldados. Oliveira aproxima-se. A facilidade da captura e a aparência inofensiva daquela esfarrapada criatura chegam a decepcionar o agente. Num desabafo, deixa escapar a frase:

— Não é possível que foi esse sujeito que nos deu esse trabalho todo.

— O que foi, Tenente?

— Parece inviável que alguém desse porte seja o autor de tantas loucuras. A realidade nada tem a ver com a imagem que fazíamos dele.

Todos estão com os olhos vidrados no capturado. Alguns ainda se sentem ameaçados pela figura que se mantém cabisbaixo e sem dar nenhuma palavra.

ORLANDO SABINO

Era noite alta. Capinópolis estava imersa no mais profundo silêncio. Ninguém nas ruas, todas as portas e janelas fortemente trancadas. Os rumores de que o assassino passaria pela cidade havia aumentado nos últimos dias. Todo cuidado era pouco. Qualquer ruído era motivo de preocupação. Dessa forma, ninguém arriscou se levantar para ver a volta dos soldados. Somente no outro dia, a tão esperada notícia se espalhou.

— O monstro! O monstro está preso!

O posto policial é cercado por uma multidão. Precisavam ver o homem que havia espalhado tanto medo na região. Não era questão apenas de curiosidade; necessitavam da certeza de que o pesadelo realmente havia acabado. Só assim, os camponeses voltariam às suas terras, e os habitantes da cidade poderiam outra vez andar livremente pelas ruas. Lá dentro, Oliveira dá uma ordem:

— Mantenham o povo afastado por enquanto. Tragam aqui apenas o delegado.

— Quando as pessoas poderão ver o detento, Tenente?

— Depois do interrogatório e outras providências. Vai demorar um pouco.

— Sim senhor!

Ao chegar, Cipriano é encarregado de levar até o local as pessoas que haviam escapado das investidas do assassino. A tarefa é cumprida em poucos minutos.

— Aqui estão elas, Tenente.

O prisioneiro encara as testemunhas como se nunca as tivesse visto, porém é reconhecido por algumas delas.

— Fui muito rápido, mas era ele. Esses olhos grandes e esse cabelo...

— Quando ele me deu o golpe, eu fugi. O cara era moreno, igualzinho a ele.

— Tava de longe e meio escuro, mas foi ele que bebeu o sangue das galinha.

Durante o interrogatório, confessa ter realmente tirado a vida de inúmeras pessoas, inclusive da própria mãe. Em determinado momento, afirma ter matado também Jesus Cristo. Oliveira entende seu acentuado desequilíbrio mental e finaliza o caso. Ele seria, inevitavelmente, levado para algum manicômio.

— Tragam papel e caneta.

Em meio ao burburinho dos jornalistas que se amontoam e fotografam freneticamente o prisioneiro, Oliveira escreve um pequeno, mas entusiasmado bilhete ao Comando do DOPS de Belo Horizonte, notificando a prisão e o fim das operações:

— A gloriosa Polícia Militar, honrando sua tradição, acaba de capturar o terrível facínora! Acabou o pesadelo que assolava a região. Seu nome: Orlando Sabino.

Lá fora, a agitação continuava. O tenente, então, ordena abrir uma pequena janela, aproximando o prisioneiro do local, sentado em uma cadeira. Assim, em fila indiana, os habitantes da cidade puderam ver, mesmo que por breve instante, exibido como um troféu, como um animal em um zoológico, o monstro que levou ao desespero milhares de pessoas por vários meses, em grande parte do Triângulo Mineiro. Parecia chegar ao fim um dos mais terríveis episódios que marcaria para sempre a vida dos moradores da região.

Era necessário agora tranquilizar a população das demais cidades e fazendas vizinhas, como também ressaltar o trabalho da Polícia Militar. Devido à ineficiência da comunicação, Oliveira resolve levar o prisioneiro para ser visto em todas essas localidades. Assim, a missão estaria completa.

Antes da partida, no entanto, os soldados foram perfilados no pátio da prefeitura. Num gesto de agradecimento, Alberto Campos profere um discurso emocionado, enaltecendo a

perspicácia da polícia, em especial, a coragem e a competência do tenente Oliveira. Ao lado do pai, Cecília agradece ao oficial com um lindo sorriso.

Os automóveis se alinham para a partida. À frente dos caminhões e dos jipes, a caminhonete leva em sua carroceria a figura de Orlando Sabino, de pés e mãos amarrados, tendo em sua companhia oito policiais. Uma surpresa, no entanto, estava reservada para aquele momento: Oliveira não segue com a comitiva.

— Vou ficar mais alguns dias. Ainda há pendências por aqui. Preciso preparar alguns relatórios e despachar com o prefeito e o delegado.

Cecília sorri outra vez, aproximando-se do tenente, enquanto os motores eram ligados.

— Eu estou entre estas pendências, Tenente?

— É a principal delas.

Nesse instante, em Ituiutaba, a mais importante cidade ao norte da região, as emissoras de rádio anunciavam a prisão de Orlando Sabino e o roteiro da passagem da polícia desde Capinópolis até Uberaba. E nas cidadezinhas, sítios e fazendas ao longo da BR-262, os habitantes corriam para a beira da estrada, como se fosse um dia de festa, para ver passar o terrível monstro das planícies.

O MATADOR DO TRIÂNGULO

Uma missa campal, dando graças aos céus pelo fim dos temores vividos por todos na cidade e nos campos, foi sugerida pelo prefeito. A cerimônia seria realizada no fim da tarde. Convidado por Cecília, Oliveira se apresenta, agora de barba feita e sem o seu costumeiro terno e gravata.

— A mudança das vestes indica que o Tenente pretende também mudar a vida?

— Depende só de você.

— Hum! Vou pensar. E sabe que assim você fica mais... bonito?

O pai da moça ainda se aprontava, e ela tendo ainda alguns minutos pensa em convidar mais alguém.

— Pai, vamos passar no barracão do professor.

— Não se atrase. E nem pense em me deixar sozinho.

— Sim senhor — e sorrindo, volta-se para o tenente.

— Isso é ciúme.

A atitude de Cecília era louvável, mas Oliveira temia pela reação do professor, já que estaria também presente na missa. A porta é aberta.

— Senhorita Cecília, é sempre bom revê-la.

— Olá, professor. Eu e Oliveira viemos ver como estão o senhor e o seu cão.

— Estamos bem. Lobo já consegue se levantar.

— Que bom! Queremos também lhe fazer um convite: que nos acompanhe à missa. Já está na hora.

— Obrigado por se lembrar de mim; você é mesmo uma adorável menina. Mas, por favor, não me peça para estar ao lado de um militar.

Oliveira interveio:

— Nem estando à paisana, professor?

— A essência não se encontra nas vestes e, sim, no coração.

Cecília compreende que estava pedindo muito ao seu amigo.

— Tudo bem, professor, eu entendo.

A moça volta-se em direção à rua. Antes de acompanhá-la, Oliveira comenta:

— Na missa, terei a oportunidade de fazer vários agradecimentos, mas também farei um pedido: quero um novo amigo, assim do seu quilate.

Depois de alguns passos, a voz do professor se faz ouvir:

— Parabéns pela captura.

— Obrigado.

A praça maior, do lado norte da cidade, não comportava o grande número de pessoas que foram levar a Deus as suas preces de agradecimento. As ruas sem calçamento e esburacadas pelas últimas enxurradas e a chuva fina que começava a cair outra vez não foram o suficiente para tirar o entusiasmo da população. Oliveira e Cecília, lado a lado, faziam em silêncio suas preces e seus pedidos. Um dos desejos dela era exatamente o mesmo que um dos desejos dele. No final da cerimônia, o prefeito é convidado a falar.

— Povo querido de Capinópolis, não medimos esforços para que a população fosse salva desse pesadelo. Mas, se hoje as pessoas podem voltar às ruas e ao seu trabalho e os camponeses voltar aos sítios e fazendas, devemos agradecer a Deus e a este homem de fibra que se encontra ao lado de minha filha: o tenente Oliveira.

E depois de uma pausa, prossegue:

— Agora, com a normalidade, posso cumprir minhas promessas de campanha, entre elas calçar e pôr meio-fio nas principais ruas da cidade.

Após a missa, Oliveira deixa Cecília em sua casa e vai para o galpão que se fez posto policial para a captura do assassino. Seus pertences estavam todos lá. Ao entrar, sente-se muito sozinho; o lugar se encontrava demasiadamente vazio pela ausência dos soldados. A noite já havia chegado e ele senta-se na cadeira voltada para a janela, a mesma em que Orlando Sabino estava quando foi mostrado à população.

Lá fora o céu era negro e a chuva aumentava a intensidade de seus pingos sobre o telhado. O homem olha atentamente o alto das mangueiras contorcendo-se com o vento que chegava. Ele não estava tranquilo. Apesar do desfecho positivo de toda aquela história, algo parecia incompleto e não lhe satisfazia. Talvez fosse apenas a necessidade de colocar seus pensamentos em ordem.

Cecília parecia contagiada com a sua presença, mas os dois necessitavam de uma conversa mais séria, mais sólida. E ele não podia esquecer de que ainda era casado. Precisava, antes de tudo, separar-se de sua esposa. Outro problema era a intenção de mudar a vida profissional, deixar a Polícia Militar. Olha para seu cinturão sobre a mesa com a arma no coldre. Não usá-lo mais era também uma dura decisão. Um relâmpago chama sua atenção de volta à janela. Bem, havia chegado a hora da verdade.

Com um gesto simples, porém carregado de significados pessoais, ele retira sua aliança do dedo e a coloca sobre a mesa, fitando-a por um instante. Esboça um sorriso, era como se tivesse tirado uma alga. Com certeza, a vida simples do lugar, a amizade sincera das pessoas e dois olhos claros que o convidavam para conhecer de perto a verdadeira felicidade falavam mais alto naquele momento. Pensando bem, ele havia se encontrado vivendo aquela aventura. Viera resolver um caso complicado e, ao mesmo tempo, estava resolvendo a própria vida. Não se via mais dentro daquele departamento cumprindo ordens que, na maioria das vezes, não o deixavam em paz com a consciência. Não se imaginava mais tendo de conviver com pessoas arrogantes e inescrupulosas como o agente Lima. Com certeza, ali naquele modesto, mas rico pedaço de chão, poderia falar de respeito, bondade e honradez. Estava resolvido. No outro dia cedo, falaria com Cecília e partiria rumo à Capital para desvencilhar-se das amarras que o prendiam.

Perdido em devaneios, Oliveira fita o chão aos seus pés e percebe a ponta de um desenho sob a cadeira onde está sentado. Ele afasta o móvel e consegue ver o desenho completo. Um enorme X.

Naquele momento, a porta às suas costas abre-se repentinamente, como se o vento que rondava a janela tivesse dado a volta e forçado a entrada. Oliveira volta-se, mas já era tarde. Com incrível rapidez, uma figura invade o local desferindo-lhe uma pancada na cabeça. A força do golpe arremessa-o violentamente contra a mesa. O tenente cai aos pés daquele homem pardo e de cabelos encaracolados. Era forte, apesar de sua baixa estatura. Calçava botas e tinha as roupas sujas, manchadas de sangue. Trazia uma espingarda de cano curto presa às costas por uma correia. Os olhos grandes e arregalados pareciam pertencer ao próprio demônio.

Atordoado, Oliveira leva a mão à cabeça. O sangue corria em seus cabelos, descia pelo pescoço e tingia de vermelho a camisa. Luta para não perder os sentidos e exclama:

— Você!

A tempestade que começa a invadir o galpão vem carregada de fortes ventos e relâmpagos. A criatura sorri e abaixa o pedaço de pau que tinha nas mãos.

Oliveira tenta entender o que está acontecendo.

— Eu devia saber... Você é o verdadeiro assassino.

Um brilho do mais puro ódio surge nos olhos injetados da horrenda figura. Os relâmpagos clareiam o galpão e revelam uma face transtornada, carregada pelas almas ceifadas por ele.

— Ninguém faz pouco de mim! Ninguém ri do meu pai!

— Ninguém está rindo aqui... Mas e o outro? E Orlando Sabino?

— Oceis viro o que queria vê. Aquele neguinho morava no mato com a mãe, era fraco das ideia. Só fiz mandá ele no meu lugá. Matei a véia e passei minhas coisa pra ele. O resto oceis fizeram pra mim e pro meu pai. Nós te enganô de novo Coroné...

— Mas que loucura é essa?

— Agora que te achei, Coroné, vô mandá o sinhô pra junto dele... Meu pai vai pará de gritá na minha cabeça...

O pedaço de pau é levantado mais uma vez.

— Pai, ninguém vai ri mais de nós, pai...

Sem chances de defesa, Oliveira apenas estende os braços sobre a cabeça. Numa fração de segundos ele se lembra do homem estranho lhe dizendo "...ver o demônio pelos olhos de um morto". Sem dúvidas, Oliveira era um homem morto naquele instante e a figura

a sua frente era a de um verdadeiro demônio. Mas o golpe final não acontece. Com uma fúria incontrolável uma fera de cor negra pula sobre o assassino, rugindo e mordendo-lhe o braço. Era Lobo, o cão do professor.

As duas feras rolam pelo chão, medindo força e coragem, até que o Matador consegue se desvencilhar daquelas garras afiadas acertando um chute no animal, afastando-o momentaneamente. Com extrema agilidade, rola para o lado, empunhando sua espingarda em direção ao tenente.

— Morre, Coroné mardito!

Os tiros que saíram, entretanto, não foram de sua arma. Durante a luta, Oliveira havia se arrastado até seu revólver caído ao chão. Dois certeiros disparos derrubaram o hediondo agressor. Um deles cravando-se entre os olhos.

Oliveira, ainda com a arma apontada para o monstro, desabafa:

— Tenente, eu sou Tenente!

Enquanto o corpo tomba inerte, o professor exclama da porta:

— Você foi mais rápido que eu, meu amigo! — baixando o cano de sua espingarda.

O cachorro, ouvindo a voz do dono, corre ao seu encontro.

— Muito bem, Lobo. Você realmente está curado.

Oliveira escora-se na mesa caída.

— Obrigado, professor. Chegou bem na hora. Salvou a minha vida.

— Mérito do meu cão. Ele farejou o inimigo. Já conhecia o cheiro dele. Você teve sorte de estarmos por perto. Lobo mudou seu comportamento um pouco antes da chuva e percebi que havia notado algo estranho. Se tem algo em que aprendi a confiar é no instinto desse animal.

O recém-chegado se abaixa ao lado de seu novo amigo, examinando a ferida.

— Não é muito grave, mas precisa ser medicado. Lobo, vá buscar Cecília.

— Professor, temos um problema. Precisamos chamar todo mundo e esclarecer as coisas.

— Penso que não, Oliveira. Se me permite dizer, o que aconteceu não deve sair daqui.

— Como assim? Não estou...

— Escute-me. Estou há certo tempo entre os moradores deste lugar. São simples trabalhadores que acreditam em assombrações e outras crendices. O anúncio de que outro assassino surgiu vai levantar mais dúvidas do que certezas. Fora o constrangimento das pessoas envolvidas; o Exército, por exemplo, já está divulgando uma outra história. Deixe como está. Já houve sofrimento demais.

Oliveira fica perplexo por alguns instantes e parece digerir o que ouviu.

— Mas, ainda temos problemas. O corpo, o prisioneiro errado, os tiros?

— Eu cuido do corpo. Só preciso de ajuda para colocá-lo em minha caminhonete. Enterrando-o nas minhas terras, ninguém ficará sabendo. Quanto aos disparos, acho pouco provável alguém ter ouvido alguma coisa com essa chuva, e se ouviu não terá coragem de vir aqui verificar. Você se encarrega de livrar o prisioneiro. Tenho certeza de que saberá cuidar disso.

— É, não será difícil para mim. Posso transferi-lo para alguma casa de apoio psiquiátrico longe daqui. Não sei se é muito certo, mas vou fazer o que sugere. Essa... essa atitude é um tanto militar, não, professor?

— Oliveira, a história é contada por quem ganha a guerra, certo?

Os dois se olham e sorriem de maneira tímida. O segredo entre eles criava um laço de extrema confiança.

— Irei com você para enterrarmos esse infeliz.

Cecília chega correndo. Apesar do guarda-chuva, ela está ensopada e a cena que vê lhe causa espanto e terror. No meio do salão, está um corpo estranho caído de bruços. Preocupada, ajoelha-se ao lado de Oliveira, ainda sentado ao chão, e segura suas mãos cheias de sangue.

— Oliveira! O que aconteceu aqui?

O beijo que se seguiu foi a resposta dos anjos ao demônio no final de uma história carregada de incrível violência. Caída num canto, entre as madeiras que cobriam o velho assoalho, jazia uma aliança, agora esquecida para sempre. A paz, verdadeiramente, havia voltado àquele recanto. O novo dia, com certeza, viria trazendo o alegre brilho do sol, espantando de vez a chuva e as nuvens negras que, por muito tempo, cobriram de trevas e medo o céu do Triângulo Mineiro.